

---

# Os copos no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro<sup>1</sup>

SÓNIA DUARTE FERREIRA

**R E S U M O** O estudo aprofundado de conjuntos artefactuais como os “copos canelados” de Vila Nova de São Pedro constitui uma crescente necessidade para melhor compreender a formação das novas sociedades agro-metalúrgicas em Portugal. Recolhidos entre os anos 30 e 60 do século passado, em dezenas de campanhas de escavação, e parcialmente publicados por Afonso do Paço, importa agora analisar estes recipientes cerâmicos de forma exaustiva e numa perspectiva mais actual. Materiais desde cedo valorizados como indicadores culturais da Idade do Cobre Inicial, caracterizam-se, genericamente, por corpo de forma sub-cilíndrica, oferecendo, por norma, pastas e tratamentos de grande qualidade, mostrando, muitas vezes, motivos decorativos, onde se destacam os canelados e os espinhados. Procuramos, através do presente trabalho, apontar novas interpretações relacionadas, essencialmente, com as características, origens e cronologias dos “copos canelados” do povoado de Vila Nova de São Pedro, através de uma análise cuidada ao nível formal, técnico e decorativo.

**A B S T R A C T** The deep study of artifactual sets as the “grooved vessels” from Vila Nova de São Pedro builds up an increasing need of getting a better knowledge of the new agro-metalurgist societies formation in Portugal. Gathered between the 30's and 60's of the last century, in dozens of digging outs, and partially published by Afonso do Paço, it matters now to analyse these pottery recipients in an accurate way and updated point of view. Pointed out as cultural indicators from the Early Copper Age Period, these materials are generally characterized as having a sub-cylindrical body form, which normally offer productions and treatments of great quality, showing frequently decorative motives where rows of horizontal grooves and burnished spiny forms are prominent. We try to show in this work, through a careful analysis concerning the formal, technical and decorative ways, new interpretations related mainly with the characteristics, origins and chronologies of the “grooved vessels” from Vila Nova de São Pedro.

## 1. Introdução. Objectivos e condicionalismos

Descoberto, intervencionado e estudado desde a década de 30 do século passado, Vila Nova de S. Pedro tornou-se, sem dúvida, num local epónimo do Calcolítico peninsular e, particularmente da Estremadura.

Ocupando lugar privilegiado entre o Rio Tejo e o Oceano Atlântico, este povoado mostra-se singular pela sua arquitectura, mas sobretudo pela elevada quantidade e rica variedade de espólios líticos, cerâmicos, ósseos ou metálicos, os quais nos dão a conhecer diferentes culturas, nos seus aspectos quotidianos e cognitivos.

Por outro lado, a cerâmica é, desde há muito, denominador comum dos trabalhos arqueográficos, pela sua abundância desde os níveis do Neolítico até às mais recentes épocas. A sua diversidade formal, técnica e decorativa, constitui objecto privilegiado para a compreensão da vida diária, assim como das actividades de carácter ritual ou sumptuário, sendo elemento fundamental como indicador cultural e cronológico.

Neste sentido, e tendo em consideração que foi a partir das intervenções de Eugénio Jalhay e Afonso do Paço em Vila Nova de São Pedro que os “copos canelados” começaram a ser valorizados como indicador cultural do Calcolítico Inicial, importa melhor estudar e conhecer tais testemunhos.

Materiais recolhidos no estrato base, denominado por Vila Nova I, os copos assumiram grande importância nas teses difusionistas ou colonialistas, defendidas pelos primeiros investigadores, propondo a divulgação desta forma por populações exógenas.

Apesar do esforço realizado nos estudos e respectivas publicações dos materiais deste povoado, exumados durante as dezenas de campanhas de escavação efectuadas, não deixa de se tornar necessário abordar esse mesmo espólio numa perspectiva mais actual, procurando novas respostas para a sua origem, cronologia e significado.

Contudo, a ausência de uma estratigrafia mais rigorosa e a carência de registos rigorosa dos materiais associados impede-nos de relacionar as diversas formas, técnicas, acabamentos e decorações, ou de as integrar em diferentes períodos cronológicos ou culturais.

Também a impossibilidade da realização de análises físico-químicas ou datações por termoluminiscência, restringe as conclusões que seriam possíveis de retirar, não só quanto à cronologia, como em relação à origem dos “copos canelados”, através do reconhecimento, ou não, de elementos exógenos, na composição das pastas ou dos acabamentos que oferecem.

Assim, procurámos, antes de mais, uma tentativa de (re)abordagem a este tipo de recipientes cerâmicos, em busca de um ponto de partida para futuras interpretações, mas igualmente, de um ponto de chegada, baseado sobretudo na análise macroscópica das suas pastas e na sistematização formal e decorativa dos recipientes que tanta curiosidade e especulação despertaram aos arqueólogos de meados do século XX.

Gostaríamos ainda de expressar os nossos sinceros agradecimentos às diversas pessoas e instituições com as quais foi possível contar para a execução deste trabalho, em especial ao meu orientador do Estágio Prático e Relatório Final, Arquitecto Mário Varela Gomes e à Associação dos Arqueólogos Portugueses, na pessoa do senhor Presidente, Dr. José Morais Arnaud.

## 2. O povoado de Vila Nova de São Pedro

### 2.1. Enquadramento geográfico

O povoado de Vila Nova de São Pedro localiza-se numa área planáltica, com cerca de 100 metros de altitude, com substrato rochoso constituído por calcários miocénicos. As excelentes condições de visibilidade e as potencialidades de defesa natural atraíram as populações que ali se estabeleceram (Fig. 1).

Próximo fica a ribeira de Almoester, que desagua no Rio Maior, afluente da margem direita do Tejo, e de outros cursos de água de menor importância, que confluem naquela ribeira.

O curso de água referido seria, com certeza, a grande via de comunicação dos habitantes do povoado de Vila Nova de São Pedro, através do qual o núcleo populacional seria acedido, a partir do estuário do Rio Tejo, como salientou Suzanne Daveau (1980, p. 32-35). Acresce à localização estratégica, o facto deste povoado se encontrar a meia distância entre o Oceano Atlântico e o Tejo.



Fig. 1 Vista aérea do povoado de Vila Nova de São Pedro (seg. Arnaud e Gonçalves, 1990, p. 41).

Por outro lado, ribeira, rio e mar, proporcionariam, certamente, mais fontes de subsistência, no que respeita à pesca e recolção de moluscos, a par dos terrenos de caça e férteis solos agrícolas que proliferavam nas suas margens.

Toda a região é dominada por vales, com encostas por vezes acentuadas, constituindo importante elemento de defesa natural, para as comunidades humanas e de abrigo para animais selvagens.

Esta característica dominante, permitia a prática da actividade cinegética, de presas de pequeno e médio porte, como o *Oryctolagus cuniculus* (L.) (coelho), *Cervus elaphus* (L.) (veado) ou *Sus scrofa* (javali), como foram testemunhados em vestígios osteológicos encontrados durante as campanhas de Afonso do Paço (1958, p. 54).

As encostas das elevações que se dispõem em torno do povoado eram fertilizadas com as variações de nível dos cursos naturais de água vizinhos, tornando os terrenos aluvionares com excelentes condições para a prática agrícola, favorecidas pelos solos calcários, que permitem maior infiltração das águas pluviais.

A riqueza destes apresenta-se bem documentada, estando integrados em região de solos de uso agrícola de classe A (*Atlas do Ambiente, Carta da Capacidade do Uso dos Solos*, folha III.3, 1982).

Também a actividade pastoril seria, sem dúvida, uma das mais importantes para a economia local, testemunhada pelos vestígios recolhidos nas escavações arqueológicas e publicados por Afonso do Paço, como o *Sus domesticus* (Gray) (porco), o *Bos taurus* (L.) (boi) ou o *Ovis aries* (L.) (carneiro), entre outros (Paço, 1958, p. 54). A diversidade orográfica que a região propicia, reflecte-se na variedade de espécies animais existentes.

As zonas circundantes mostrar-se-iam igualmente ricas na quantidade e qualidade de diferentes matérias-primas, como acontecia com o barro, para o fabrico de cerâmicas, e o sílex, existente próximo de Alenquer e Rio Maior, para a produção de instrumentos líticos, que serviam as actividades da caça, agricultura e defesa do povoado.

A localização privilegiada de Vila Nova de São Pedro e as potencialidades geo-económicas da região, bem como a facilidade de comunicação, proporcionaram o desenvolvimento da comunidade residente neste importante local até, pelo menos, à Idade do Bronze.

## 2.2. História da investigação

O importante povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro foi reconhecido por Hipólito Cabaço, em 1936, apesar de Leite de Vasconcelos, já em 1929, ter referido a sua existência pelos objectos que afloravam à superfície.

Aquele primeiro investigador efectuou limitadas sondagens no núcleo central do assentamento, as quais pouco revelaram relativamente às estruturas e enquadramento crono-tipológico dos espólios exumados.

As escavações sistemáticas iniciaram-se em 1937, sob orientação do Tenente Coronel Afonso do Paço e do Padre Eugénio Jalhay. Estes investigadores demonstraram, desde cedo, uma intervenção programada, com o objectivo inicial de delimitar, exteriormente, a denominada primeira linha de muralhas, que isolava a parte central do povoado (Fig. 2).

Durante as duas primeiras intervenções, os arqueólogos tiveram um primeiro contacto com o então denominado “castelo”, ou seja, a cidadela central do povoado, mostrando algum desconhecimento quanto à existência dos povoados calcolíticos do Extremo Ocidental da Península Ibérica. Este aspecto prende-se com a novidade de tais estruturas, conhecidas, e mal, apenas no Sudeste peninsular (Los Millares). Nessa altura foram recolhidos numerosos materiais em pedra polida e lascada, cerâmica variada, com ou sem decoração, a qual era, sobretudo, campaniforme (Jalhay e Paço, 1939).

Entre os anos de 1939 e 1941, prosseguiram-se os trabalhos, que incidiram em duas áreas distintas, na face exterior do recinto amuralhado central (Jalhay e Paço, 1942).

Uma das descobertas mais importantes ocorreu logo em 1939, correspondendo, possivelmente, a ritual de fundação do povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro, com paralelos no Oriente, nomeadamente no actual Iraque (Gomes, 1991, p. 37). À entrada do povoado, encontraram-se depositados no fundo de uma fossa, animais sacrificiais (bovídeos), sobre um dos quais fora colocada grande vasilha de cerâmica, contendo restos de alimentos.

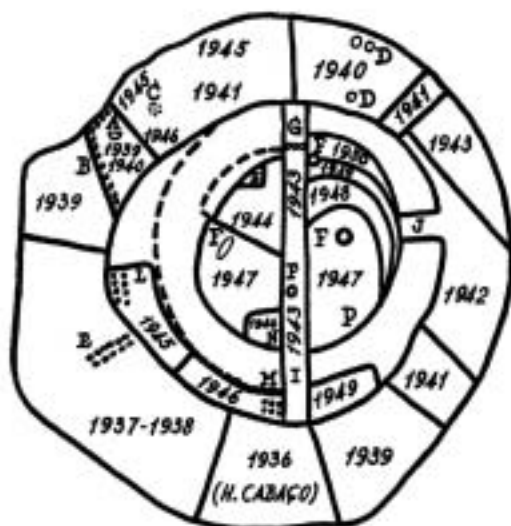


Fig. 1 — Castelo de Vila Nova de S. Pedro, com indicação de local das campanhas realizadas até 1936.

A — Forno com vastiça grande; B — Paredeiros; C — Depósito de maldria; D — Sílex (1940); E — Paredeiros; F — Sílex; G — Paredeira no extremo N. da trincheira (1941); H — Poço; I — Corte da muralha construído sobre na camada inferior; J — Reconhecimento feito na muralha (1942); L — Paredeira e local das armadas de linho (1945); M — Muralha (1946); N — Local das barras corrediças e aréias (1946); P — Local das armadas de trigo.

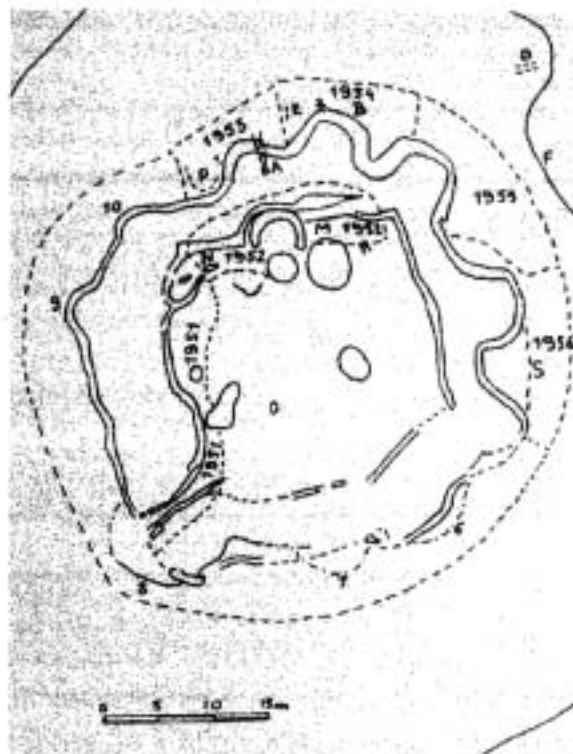


Fig. 2 Campanhas arqueológicas de 1936 a 1950 (seg. Paço, 1954, p. 32) e de 1951 a 1956 (seg. Paço, 1958, p. 44).

Em 1942, a intervenção desenvolveu-se na continuação das campanhas anteriores, com o reconhecimento da muralha central.

Foram encontrados inúmeros materiais de sílex, mas também de cobre e osso, destacando-se vaso campaniforme de grandes dimensões, cadinhos, placas de barro, diversos ídolos cilíndricos e fragmentos de placas de xisto, não se fazendo, ainda, referência à existência de copos (Jalhay e Paço, 1943).

Só a partir de 1943 foi escavada a área interior do recinto fortificado principal. Esta constituía o núcleo central de todo o povoado e seria aquela que, em princípio e segundo os escavadores, permitiria a compreensão da dinâmica histórico-arqueológica da ocupação do espaço amuralhado.

Através da abertura de uma trincheira de grandes dimensões, situada a meio daquele espaço, foi possível obter um corte estratigráfico, o qual apresentava dois níveis de coloração e textura distintas. A camada base, que assentava sobre afloramento calcário, era constituída por terras com abundantes cinzas e argamassa, sobre a qual assentava um segundo estrato e as estruturas defensivas (Paço, 1954, p. 33-36).

Entre os anos de 1944 e 1950, prosseguem-se as escavações no sentido de reconhecer a face interior da muralha, tendo sido a campanha de 1947 uma das maiores que alguma vez foram efectuadas.

Em 1946, foi descoberto um fragmento de recipiente cerâmico de pasta vermelha, que "(...) pela pureza dos barros e técnicas de fabrico(...)" não seria de produção local, tendo sido encontrados fragmentos idênticos em 1948 (Paço, 1954, p. 53, 65).



Em 1949 e 1950, surgem, no estrato inferior de Vila Nova de São Pedro, inúmeros fragmentos de “vasos altos”, de fundo ligeiramente abaulado, paredes verticais, mas abrindo em forma de “tulipa”, com curiosa decoração brunida, muito fina, a que chamaram copos (Paço, 1954, p. 72, 78).

Com o falecimento de Jalhay, os trabalhos começaram a ser da responsabilidade de Afonso do Paço, em colaboração com Maria de Lurdes Costa Arthur, notando-se uma melhoria nas observações estratigráficas, nos relatórios de escavação e nas interpretações cronológico-culturais (Arnaud e Gonçalves, 1990, p. 28).

Em 1951, e na continuação das descobertas dos anos anteriores, a campanha arqueológica centrou-se na identificação de possível sequência estratigráfica.

Embora sem grandes diferenças materiais entre os vários níveis, verificou-se a presença, na camada inferior, de maior percentagem de pontas de flecha longas, “tipo Torre Eiffel”, bem como fragmentos de cerâmica vermelha, de fabrico muito perfeito (Arthur e Paço, 1952, p. 297). Entre os abundantes materiais recolhidos, surgem vasos “caliciformes”, de decoração canelada, axadrezada ou em espinha “(...) *de ligeiro brunido feito com um instrumento rombo sobre o barro a que, por fricção, se deu espécie de polimento (...)*” (Arthur e Paço, 1952, p. 301), tratando-se, mais uma vez, de copos.

A continuação da intervenção no recinto central, nomeadamente no que respeita à sua camada base, permitiu, em 1952, a recolha de diverso espólio, como cerâmicas mamiladas, ídolos cilíndricos e fragmentos de copos.

Em 1953 e 1954, tal como nos anos anteriores, procura-se não só a delimitação das estruturas defensivas, como o reconhecimento do “forno”. Durante os mesmos trabalhos foi efectuada sondagem na muralha, compreendendo-se a sua técnica construtiva, composta por aparelho de pedra, em ambas faces, e alvenaria em terra e pedras soltas, no seu interior, com zona inferior preenchida por barros vermelhos.

Foram, então, recolhidos inúmeros fragmentos de vasos não decorados e, em espessa camada de barros amassados, fragmentos de copos com decoração brunida, entre outros artefactos (Paço, 1958, p. 89).

Em colaboração com Edward Sangmeister, Afonso do Paço realiza, na campanha de 1955, a planta mais rigorosa da fortificação e respectivos perfis, salientando a complexidade arquitectónica de Vila Nova de São Pedro.

Em 1956 interveio-se nova área, junto à face exterior da muralha central, que revelou diversos reforços e tentativas de reconstrução da mesma. Entre os materiais, salienta-se vaso de mármore alabastrino, profusamente decorado, que os investigadores relacionaram com produções de povos do Mediterrâneo Oriental (Paço, 1958, p. 53).

A alusão aos copos mostra-se mais profunda, completada por alguns desenhos, onde Afonso do Paço distingue os canelados, de menores dimensões e fabrico mais perfeito, dos de maiores dimensões, de excelente cozedura, fundo convexo e corpo troncocónico, os quais seriam já de fabrico local (Paço, 1958, p. 57-61).

As campanhas de 1957 e 1958 debruçaram-se sobre as segunda e terceira linhas de muralha, mas cujos resultados revelaram-se pouco conclusivos.

No decurso da campanha do ano seguinte, Savory realizou um registo de corte estratigráfico de Vila Nova de São Pedro. Efectuado perpendicular à muralha interior, evidencia complexa sequência de ocupação, reaproveitamentos e reestruturações do espaço e estruturas (Arnaud e Gonçalves, 1990, p. 30). Nas camadas inferiores, foram recolhidos diversos fragmentos de copos, associados a outros materiais como ídolos de cornos, placas de barro, moventes, dormentes ou lascas rudes de sílex.

As campanhas terão prosseguido anualmente até 1963, não tendo, no entanto, sido publicados os respectivos relatórios.

Em 1983, Humberto Nuno Oliveira e O. da Veiga Ferreira procederam ao restauro e consolidação da estrutura defensiva central, realizando, igualmente, o levantamento topográfico do povoado (Oliveira e Ferreira, 1990).

Poucos anos depois, em 1985-86 foram realizadas novas sondagens, sob a responsabilidade de Victor Gonçalves, centradas entre a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> linha de muralhas. Estas evidenciaram dispositivos defensivos complementares, com duas torres e porta de acesso, demonstrando igualmente a complexidade da sequência de ocupação do povoado (Gonçalves, 1995, p. 232).

### 2.3. Estruturas e estratigrafia

As publicações sobre Vila Nova de São Pedro, salientam a existência de diversas estruturas, desde as que se relacionam com a defesa do povoado, ao equipamento habitacional, poço-cisterna, silos ou ao então denominado “forno de cozer cerâmica”.

O povoado é constituído por uma estrutura defensiva central e duas linhas de muralhas exteriores, que circundariam a interior. Resultando de diferentes concepções de defesa, observam-se sobreposições e reforços em vários momentos da sua ocupação.

A cidadela apresenta planta sensivelmente circular, com alturas actuais que variam entre 1,60 e 3,60 metros. No exterior dispõem-se restos de dez torreões com planta semicircular, espaçados irregularmente, concentrando-se, sobretudo, nos sectores Norte e Este (Fig. 3). A entrada localiza-se no lado sudoeste, parecendo, segundo Arnaud e Gonçalves, situar-se sobre um torreão (Arnaud e Gonçalves, 1990, p. 40).



Fig. 3 Perspectiva dos bastiões da fortificação central de Vila Nova de São Pedro.

Seguem-se as duas linhas de muralha que se distanciam do dispositivo central cerca de 20 e 40 metros, respectivamente. A concepção base deste complexo sistema, obedecia, sobretudo, a factores de origem defensiva, reflectindo aspectos económicos e possivelmente do controlo social do espaço.

Apenas em 1954 se procedeu à localização da segunda linha de muralhas. Segundo Savory esta estrutura era dotada apenas de dois torreões de defesa. Em contrapartida, a terceira linha apresentava-se aparentemente sem torreões, segundo se pôde apurar na intervenção realizada por Victor Gonçalves (1995, p. 232).

É exactamente nesta área, fora do recinto fortificado central que se apresenta maior concentração de estruturas habitacionais. Estas surgiram logo na primeira campanha de escavações. Todavia, a carência de registo pormenorizado dificulta a sua total compreensão e sua relação com o extenso espólio exumado em Vila Nova de São Pedro.

Tratam-se de fundos de cabanas, com planta de forma circular, que seriam constituídas por paredes com base de alvenaria, sendo a parte superior de material perecível, possivelmente madeira e ramagens, consolidadas e revestidas com barro amassado.

A maioria das lareiras identificaram-se nos sectores Sul e Este, como forma de abrigo dos ventos dominantes vindos de Norte. Segundo os escavadores, no sector Este, dispunham-se estruturas sobrepostas, claramente de épocas ulteriores, sendo indispensável o seu registo, para a compreensão da dinâmica de ocupação do espaço.

Durante as diversas campanhas reconheceram-se algumas estruturas subterrâneas, interpretadas como silos e um poço-cisterna. Este, aberto no substrato rochoso calcário, apresenta-se com cerca de 3,80 metros de profundidade. Segundo Arnaud e Gonçalves, a funcionalidade daquele estaria relacionada com a reserva de água, como cisterna, e não como estrutura de captação, dada a pouca profundidade onde se localizaria a toalha friática (Arnaud e Gonçalves, 1990, p. 46).

No entanto, e como salientam os autores anteriormente mencionados, é necessário ter em conta a localização dos mesmos no interior do recinto fortificado, quanto à defesa das reservas de cereais para a comunidade residente. As estruturas que se situassem fora deste recinto certamente teriam funções distintas no quotidiano das populações.

Em 1943, com a escavação do interior do recinto amuralhado central, os arqueólogos procederam à elaboração de corte, através de trincheira escavada ao centro daquele espaço, com 60 metros de comprimento e 4 de largura, o qual foi registado muito esquematicamente (Paço, 1954, p. 34-36). Contudo, aquele permitiu reconhecer a existência de dois estratos distintos, mas de dimensão diferente, sendo o inferior constituído, sobretudo, por terra com cinzas e abundante espólio, e o superior por mistura de terra e pedras.

Em Setembro de 1959, Savory efectuou novo corte estratigráfico através da fortificação central, com o objectivo de “(...) estabelecer, com maior clareza a história das respectivas estruturas e a sua relação com os níveis de ocupação depositados antes, durante e após a sua construção e uso (...)” (Savory, 1983-84, p. 19) (Fig. 4).

O corte, orientado sensivelmente no sentido sudoeste-nordeste, a poente da porta e próximo do bastião 9, apresentava profundidade superior a três metros, tendo-se então reconhecido um novo bastião.

Sob grande nível de argamassa, Savory definiu o período I, anterior ao da fundação da fortificação, onde se destacam abundantes fragmentos de copos “(...) de boa qualidade, com engobe cor de chocolate escuro e a decoração canelada pouco profunda (...)” (Savory, 1983-84, p. 23), onde se depositavam abundantes carvões. Os copos surgem ainda, em menor número, nos estratos superiores daquele período.



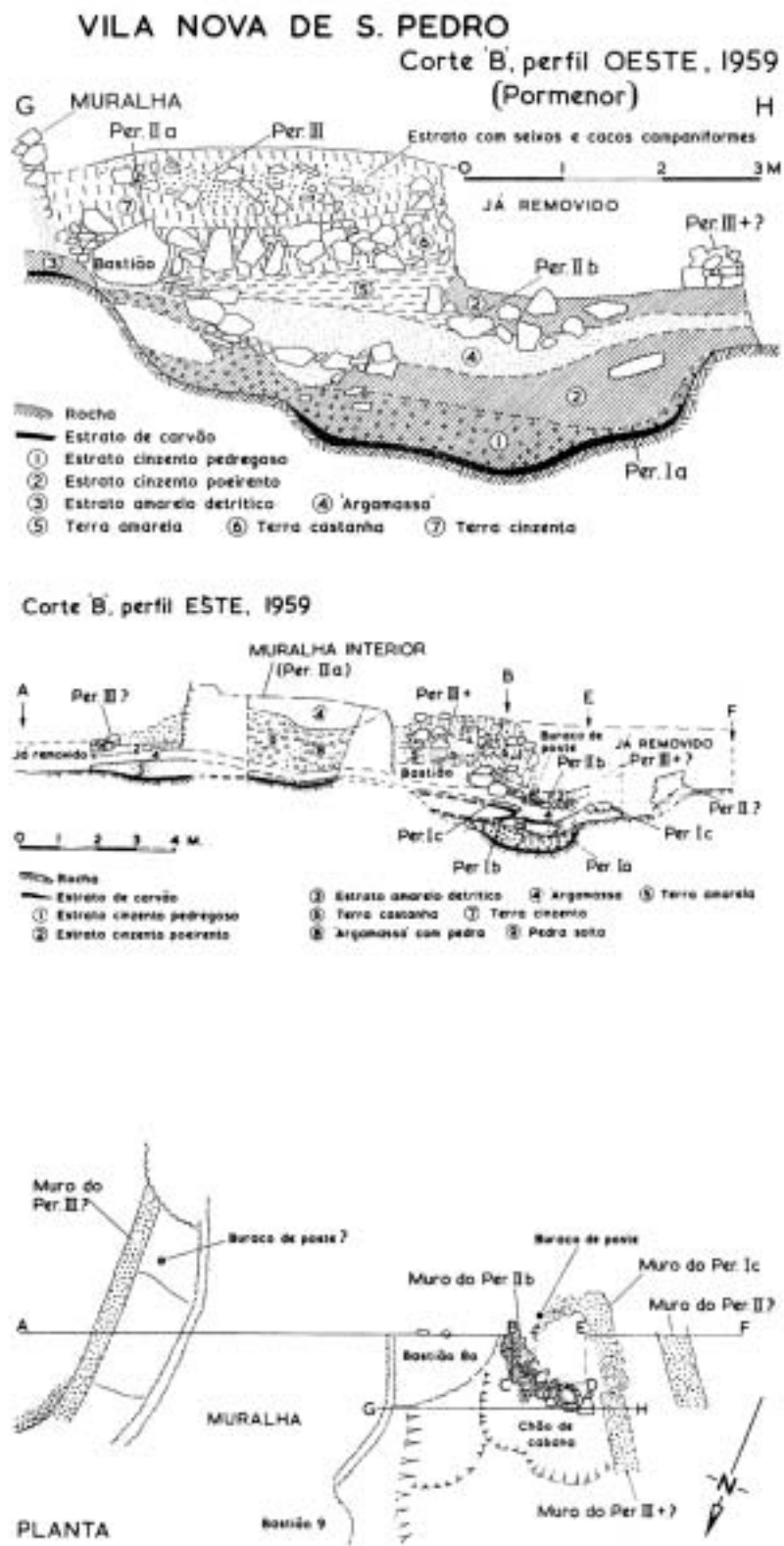


Fig. 4 Perfis e planta realizados por Savory, em 1959 (seg. Savory, 1983-84, p. 21).

Ao período I foram, ainda, atribuídos artefactos como as placas de barro ou pesos de tear, ídolos de cornos, dormentes e moventes de mós manuais, assim como lascas rudes de sílex, estando ausentes as pontas de flecha de bom fabrico e objectos de cobre ou outros relacionados com a sua transformação.

Segundo Savory a concentração de argamassa, composta por depósito artificial de barro e calcário, fora ali colocada de modo a fornecer fundação firme e nivelada, quer para a muralha quer para os seus bastiões, ainda que esta camada contenha alguns materiais semelhantes aos dos níveis anteriores.

Nos estratos superiores à argamassa observa-se uma certa continuidade cultural do período I, mas já sem os copos canelados e com cerâmicas de fabrico mais rude. As placas de barro surgem mais frequentemente decoradas e as pontas de flecha, contemporâneas dos bastiões, de base côncava e de grande qualidade, tornam-se mais abundantes. Surgem agora evidências da actividade metalúrgica sob a forma de pequenos utensílios de cobre e fragmentos de cadinhos, completando os níveis do período II, que o autor relaciona com Los Millares.

Contudo, apenas no nível superior, constituído por terra de cor cinzenta e onde Savory identifica um terceiro período, aparecem os primeiros fragmentos de vasos campaniformes, que sucedem a cerâmica com decoração em “folha de acácia”, da camada inferior com terras de tonalidade amarela. Assim sendo, o período III é definido como o do estabelecimento da Cultura Campaniforme em Vila Nova de São Pedro, que coincide com o colapso da fortificação central, uma vez que está relacionada com os estreitos reforços da muralha, interpretados como tentativas de contenção dos desmoronamentos da estrutura já em parte arruinada.

#### 2.4. O espólio

O povoado de Vila Nova ficou internacionalmente conhecido, não apenas pela sua arquitectura, mas também pelos numerosos e diversificados artefactos, que foram recolhidos, ao longo de dezenas de campanhas arqueológicas.

Os instrumentos líticos são, talvez, os mais diversificados na técnica de fabrico e funcionalidade no quotidiano do povoado. Os utensílios em pedra lascada, surgiram, possivelmente, em maior percentagem, e são constituídos, sobretudo, por lâminas, lamelas, “foicinhas”, furadores, pontas de flecha, raspadores e núcleos, além de materiais atípicos, de restos de talhe, entre outros.

Encontram-se igualmente presentes, instrumentos de pedra, como percutores, moventes e dormentes, além de seixos afeiçãoados. Os exemplares em pedra polida, são sobretudo, compostos por centenas de machados e enxós, assim como, algumas goivas e escopros.

De entre os objectos de adorno encontrados no povoado, contam-se numerosas contas, pendentes e alfinetes de cabelo, alguns dos quais denunciam influências exógenas.

Entre os utensílios fabricados em osso destacam-se furadores, agulhas, alfinetes, botões, espátulas, placas e vasilhas, estas últimas com ou sem decoração.

Bastante documentada encontra-se a actividade cognitiva ou a relacionada com o sagrado, através de cerâmica com decoração simbólica, de figurinhas antropomórficas, por vezes com sexo e seios marcados, também em cerâmica, de “ídolos de osso”, de “ídolos cilíndricos” de diferentes dimensões, vários dos quais oculados, assim como diversos artefactos votivos de calcário.

Por outro lado, a presença de escórias, cadinhos, alguns com pés e metal fundido agarrado às paredes, moldes de cerâmica ou de pedra, assim como numerosos machados, cinzéis, furado-

res, escopros, bem como, punhais, pontas de lança e de flecha, de cobre, testemunham uma intensa actividade metalúrgica.

Mas as cerâmicas são, certamente, dos materiais arqueológicos de Vila Nova de São Pedro melhor representados. Caracterizados por uma grande variedade formal e decorativa, surgem, entre outros, grandes vasos, taças, pratos e copos, com pastas de fabrico mais ou menos perfeito, alguns oferecendo decorações gravadas, impressas ou plásticas, integráveis em sucessivos períodos de diferente ocupação desde o Neolítico Final até à Idade do Bronze

Mais escassos, mas igualmente presentes, são os fragmentos cerâmicos com decoração genericamente designada por “folha de acácia”, integrados em contextos do Calcolítico Médio. Tratam-se, sobretudo, de grandes recipientes de forma globular, cuja decoração, sob a forma de caneluras profundas, forma reticulados, grandes triângulos preenchidos ou impressões de motivos folíolos, cuja combinação forma “folhas de acácia”, constituindo motivos simples ou compostos, como os crucíferos.

A cerâmica campaniforme, cujos fragmentos encontrados são deveras abundantes, caracteriza-se pela sua forma em campânula ou sino invertido, alguns dos quais de grandes dimensões. Existem, paralelamente, taças pouco profundas de bordo aplanado decorado, caçoulas acampanadas, mais largas na boca e no bojo, ou vasos globulares de gargalo estreito, entre diversas outras formas menos comuns. Predominam os motivos pontilhados, formando minúsculos quadrados e rectângulos, linhas horizontais paralelas, por vezes combinadas ou preenchidas com linhas oblíquas, triângulos ou ainda faixas em ziguezague.

Para além das cerâmicas de uso doméstico, surgiram ainda, em número elevado, a de tipo industrial, como as queijeiras, as quais apresentam forma cilíndrica e paredes furadas. Também se recolheram bobines ou “carrinhos para dobar”, suportes de lareira, cossoiros, centenas de pesos de tear, muitos dos quais oferecendo decoração simbólica, assim como diversos artefactos, igualmente relacionados com as manifestações do sagrado.

### 3. Os “copos canelados” de Vila Nova de São Pedro: o ponto da situação

Os primeiros arqueólogos que intervieram no povoado de Vila Nova de São Pedro, definiram duas ocupações distintas, designando o seu estrato inferior, representativo de um determinado período e cultura, por Vila Nova I.

Caracterizado pela ausência total de materiais campaniformes, raros vestígios da actividade metalúrgica, apresentam-se diversos utensílios em sílex, osso, tal como inúmeros fragmentos cerâmicos. Entre estes, aparece importante conjunto artefactual, muitas vezes intitulado “de importação”, do Mediterrâneo Oriental, também conhecido como “horizonte dos copos canelados”. Estes integram, sem dúvida, um dos momentos mais míticos, em termos historiográficos, do Calcolítico da Estremadura.

Aos escavadores, e particularmente a Afonso do Paço, despertaram muita curiosidade aquelas cerâmicas que, “na base do castro”, correspondiam aos primeiros povos que ali se estabeleceram.

Apresentavam cor avermelhada, de fabrico muito fino, quase sem elementos não plásticos, de excelente decoração e cozedura, bem como os então designados vasos “caliciformes” “(...) de paredes verticais abrindo docemente em tulpas (...)” (Paço, 1954, p. 72), de fundos ligeiramente abaulados, de cozedura perfeita e acabamento excelente (Paço, 1964, p. 142, 143), presentes com relativa abundância em Vila Nova de São Pedro.

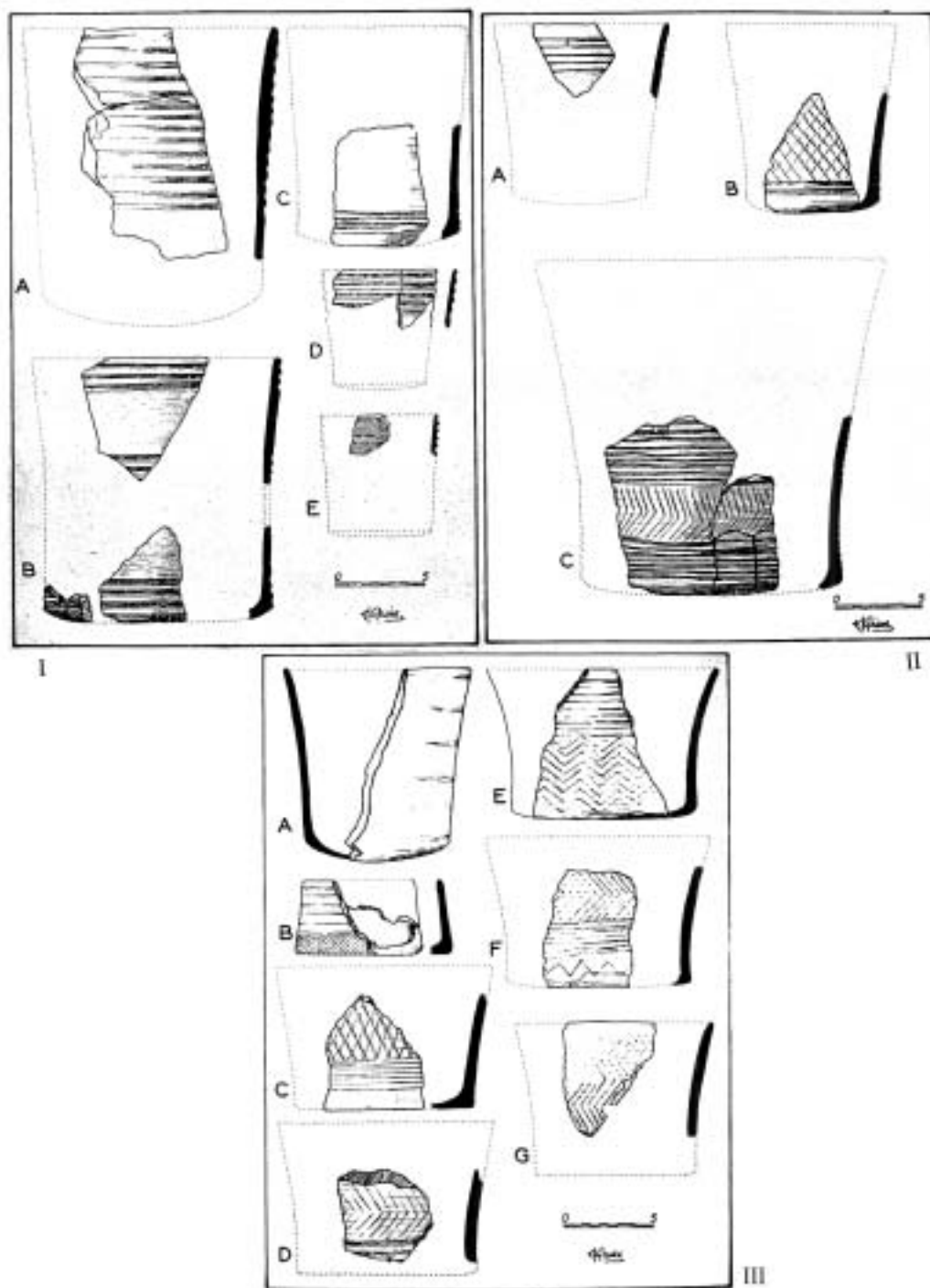


Fig. 5 Os copos de Vila Nova de São Pedro, segundo Afonso do Paço (1959, 256-258).

Encontrados, sobretudo, no nível inferior do estrato Vila Nova I, os copos são, ainda, facilmente caracterizáveis pela ornamentação exterior onde predominam decorações compostas por suaves caneluras horizontais, espinhados, reticulados, ziguezagues ou semicírculos, algumas das quais também presentes em vasos hemisféricos ou em taças.

Estes recipientes surgem em grande parte dos povoados calcolíticos da Estremadura, como em Leceia ou Zambujal, e em alguns arqueossítios excepcionais nos territórios mais a sul ou do *hinterland*.

A atracção sentida por estes materiais e a necessidade de respostas relacionadas com a sua origem, levou Afonso do Paço a escrever artigo publicado na revista *Ampurias* sobre “um tipo de cerâmica do estrato de Vila Nova I” (1959, p. 252-260).

Afonso do Paço refere-se então aos primeiros habitantes do povoado estremenho como originários de “(...) *un estado muy avanzado de civilización de fines del Neolítico (...)*” (1959, p. 256), salientando a qualidade desse espólio, recolhido em abundância nas diferentes campanhas de escavação.

Ainda segundo o mesmo arqueólogo, os copos de menores dimensões, cujos fragmentos são muito raros, apresentavam exteriormente uma espécie de envernizamento e, pelo menos sob o bordo, mostravam suaves caneluras organizadas paralelamente na horizontal. Estes seriam os testemunhos que melhor comprovavam a presença de populações mais avançadas, que ali se estabeleceram e que, pelo rápido desaparecimento deste espólio, a meio da camada inferior de Vila Nova, devem ter perdido, certamente, o contacto com outros elementos exógenos (Fig. 5 I-D e E).

Surgem ainda outros recipientes com a forma de copo, de maiores dimensões (alguns de paredes mais baixas e abertura da boca mais estreita que a base — Fig. 5 III-B) e onde se denotam já pastas menos finas. Contudo, persiste a decoração composta por caneluras não muito profundas, situadas, por norma, abaixo do bordo ou acima do fundo, mas também, em menor número, no centro do corpo do vaso, ocupando grande parte da sua superfície externa, quando não integralmente (Fig. 5 I-A, B, C e II-A).

Foram, da mesma forma, identificados outros motivos decorativos como os reticulados (Fig. 5 II-B e III-C) ou ainda os espinhados (Fig. 5 II-C, III-D, E ou G). Estes últimos elementos oferecem decoração curiosa, espécie de brunido muito ligeiro, ténue, executado com instrumento rombo, possivelmente objecto de osso, seguido de polimento, diferindo totalmente da decoração incisa ou excisa de outras peças.

Progressiva e paralelamente, com a extinção dos copos de fabrico perfeito, vão surgindo outros, de produção cada vez menos cuidada e maior ausência decorativa, ainda que do mesmo género e de boa qualidade de cozedura. Segundo Afonso do Paço, estas peças terão sido produzidas por oleiros locais.

Certo é que, conforme observou aquele investigador (Paço, 1959, p. 259), os copos canelados do Calcolítico Inicial “(...) *forman un mundo aparte en el conjunto Eneolítico de Vila Nova (...)*”. A sua forma mantém-se durante a cultura campaniforme, tendo sido frequentemente mencionados por arqueólogos e historiadores, mas que se encontram ainda por melhor conhecer e compreender.

#### 4. Os copos: metodologia para o seu estudo

Ao longo dos tempos, o estudo dos espólios cerâmicos foi-se alterando, segundo diferentes critérios de análise e descrição.

Desde a formulação de tipologias, enquanto caracterizadoras de estruturas cronológicas e culturais, passando por uma nova dimensão antrópica da cerâmica, na perspectiva comportamental do oleiro e do seu meio ambiente, até ao incremento de diferentes tipos de análises físico-químicas e microscópicas, numa interdisciplinariedade que se quis cada vez mais estreita, muitos investigadores acabaram por encarar esses mesmos materiais como base de certas funções



sociais e simbólicas, dentro de determinados contextos culturais, para lá das interpretações funcionais e tecnológicas.

A conservação, em elevado número, dos fragmentos cerâmicos encontrados em escavação, devido à forma irreversível que adquirem e sua difícil reparação e reutilização após inutilização da mesma, faz com que estes artefactos, caracterizados por uma maior durabilidade, sejam preferencialmente estudados. Independentemente dos métodos de análise utilizados, as cerâmicas permitem alcançar, e por vezes reconstruir, diferentes questões de natureza tecnológica, social, económica, política, cultural, religiosa, simbólica e cronológica.

O uso de vasos destinados ao consumo de líquidos — os copos — é conhecido desde a Pré-História e foi utilizado por numerosas civilizações. Fabricados nos mais diversos materiais, desde a pedra ao ouro, passando pelo barro, prata, bronze ou vidro, ficaram célebres os copos fabricados em Tiro e Sidon, mencionando os livros sagrados, que Salomão levou para o Templo.

A variedade de tais recipientes é enorme, não só quanto à matéria-prima, como também quanto à forma, cor, proporções, secção, decorações, mais ou menos exuberantes, entre outros atributos.

O estudo dos copos do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, foi definido a partir de critérios analíticos e classificadores tentando-se alcançar um esboço dos padrões culturais dominantes que se encontram subjacentes àquela forma. Para tal, tivemos, naturalmente, em conta, os critérios utilizados nos registos elaborados por outros investigadores, como H. Balfet (1966, p. 272-278), Senna-Martinez (1984, p. 169-188) ou C. Tavares da Silva e J. Soares (1976/77, p. 179-267).

Recorremos aos seguintes descritores:

#### **4.1. Formas**

A definição de copo corresponde, em geral, a pequeno vaso, sem asa e vulgarmente com corpo de forma cilíndrica, por onde se bebem líquidos.

Os copos calcolíticos agora estudados são recipientes cerâmicos, genericamente caracterizados por um corpo de forma cilíndrica ou troncocónica, de paredes alargadas para o exterior, de forma mais ou menos acentuada.

Os bordos apresentam-se verticais, com ou sem espessamento, podendo mostrar-se ainda algo aplanados ou extrovertidos, eventualmente afilados ou biselados no seu exterior, oferecendo lábio de perfil semicircular, sub-triangular ou sub-rectangular.

Os fundos são, por norma, ligeiramente convexos, de carena muito baixa, por vezes quase planos ou mesmo planos.

#### **4.2. Pastas**

A análise das diferentes pastas torna-se fundamental para a caracterização tecnológica do espólio. Estas podem apresentar-se compactas, semi-compactas ou pouco compactas e ainda homogéneas, semi-homogéneas ou pouco homogéneas, com abundantes, alguns, poucos ou raros elementos não plásticos.

Também denominados de desengordurantes ou partículas não argilosas, estes podem ser igualmente classificados, consoante são pequenos ou finos, (quando apresentem menos de 0,5 mm de diâmetro), médios (entre 0,5 e 1,0 mm) ou grandes/grosseiros (com mais de 1,0 mm de diâmetro).

Os elementos não plásticos, presentes naturalmente na argila ou adicionados intencionalmente pelo oleiro, dispõem ainda de diferente constituição mineralógica (ou orgânica), visíveis através de análise macroscópica, por vezes recorrendo à utilização de lupa, como, por exemplo, os componentes quartzosos, micáceos (eventualmente partículas de biotite e/ou moscovite), calcários, nódulos de barro cozido, xisto, feldspato, entre outros.

#### 4.3. Cor das superfícies e do núcleo

Tanto ambas superfícies como a fractura do núcleo apresentam diferentes colorações, variando entre os castanhos, castanhos avermelhados e castanhos aczentados, mais ou menos escuros, podendo ainda mostrar tonalidades mais alaranjadas ou acinzentadas, quase negras. Estas encontram-se distribuídas de forma geralmente uniforme, mas oferecem, por vezes, manchas de coloração diferentes. Os índices cromáticos, que se referem às *Munsell Soil Color Charts*, versão 2000, devem ser considerados como aproximados.

Embora a análise da cor de ambas superfícies e do núcleo possa parecer, segundo diversos autores, secundária, sobretudo devido à possibilidade da sua alteração por meio de factores naturais, a verdade é que ela permite retirar diferentes informações, nomeadamente referentes ao processo de fabrico destas cerâmicas e em especial ao ambiente da sua cozedura — oxidante, redutora, oxidante de arrefecimento redutor ou redutora de arrefecimento oxidante.

#### 4.4. Tratamento das superfícies

Embora muito fragmentadas, o eventual bom estado de conservação dos recipientes (exceptuando alguns copos, que possam apresentar elevado estado de degradação), permite uma boa leitura do que consistiu, em tempos, o tratamento das suas superfícies.

Estas, tanto externa como interna, podem mostrar distintos processos de tratamento, tornando-se irregulares ou rugosas (por ausência ou deficiente alisamento), alisadas (com ou sem estrias de alisamento), muito bem alisadas, polidas ou brunidas, oferecendo, eventualmente, engobe numa ou em ambas superfícies.

#### 4.5. Decoração

Quando decorados, os motivos apresentam-se sempre na superfície externa do copo, maioritariamente compostos por caneluras, podendo ocupar o seu corpo (sob o bordo, sobre o corpo e/ou sobre o fundo), de forma contínua ou descontínua, os seguintes motivos decorativos, individualmente ou combinados entre si:

- linhas paralelas e verticais (sob a forma de caneluras ou incisões), mais ou menos profundas e mais ou menos finas;
- ziguezagues paralelos organizados na horizontal ou na vertical;
- ziguezagues paralelos horizontais ou verticais, mas cuja presença de linhas ou traços, organiza o motivo em faixas horizontais ou verticais de traços oblíquos, formando um motivo espinhado;

- semicírculos concêntricos;
- axadrezado ou reticulado, formando losangos ou quadrados;
- linhas oblíquas;
- motivos metopados.

Estes apresentam, geralmente, uma disposição diferencial na superfície exterior da peça, abrangendo essencialmente a zona sob o bordo e a área sobre o fundo, imediatamente acima do ponto de inflexão daquele, observando-se, por vezes, o espaço mesial igualmente decorado.

Por outro lado, a decoração pode ser efectuada através de diferentes técnicas, executadas, na sua maioria, pela utilização de um punção rombo, destacando-se as caneluras mais ou menos profundas, incisões realizadas através de punção aguçada, finas caneluras brunidas, bem como, finas linhas ou traços brunidos.

Estas, devido à sua importância e às diferentes características formais e técnicas que lhes estão subjacentes, serviram de elemento de distinção e organização dos recipientes estudados.

#### 4.6. Medidas e índices

Saliente-se o facto de, tal como acontece com os aspectos formais acima descritos, os valores aqui enunciados não foram obtidos para a totalidade do espólio estudado, uma vez que muitas peças não permitirem determinar algumas medidas, devido ao seu estado de fragmentação.

De dimensões muito diversificadas, consideraram-se as seguintes medidas e respectivos índices nos recipientes cerâmicos analisados — diâmetro externo do bordo, diâmetro da carena, altura total, altura da carena do fundo, espessura do bordo e espessura máxima das paredes.

Foram igualmente determinados, para os copos mais completos e cujas dimensões o permitissem, os seguintes índices:

- Índice de convexidade do fundo  $\frac{\text{altura do fundo} \times 100}{\text{diâmetro da carena}}$
- Índice de altura da carena  $\frac{\text{altura da carena} \times 100}{\text{altura total}}$
- Índice da inclinação da parede  $\frac{\text{diâmetro externo do bordo} \times 100}{\text{diâmetro da carena}}$

## 5. Síntese

### 5.1. Características formais e métricas

No âmbito do presente trabalho, foram analisados 229 fragmentos de copos, descritos por grupos subdivididos consoante as técnicas decorativas.

Através do registo cuidadoso de cada uma das peças agora estudadas, verificámos que os copos podem ser distinguidos ao nível formal. Nesse sentido foram identificadas cinco formas distintas, que correspondem, sobretudo, ao aspecto dos seus corpos (Fig. 6).

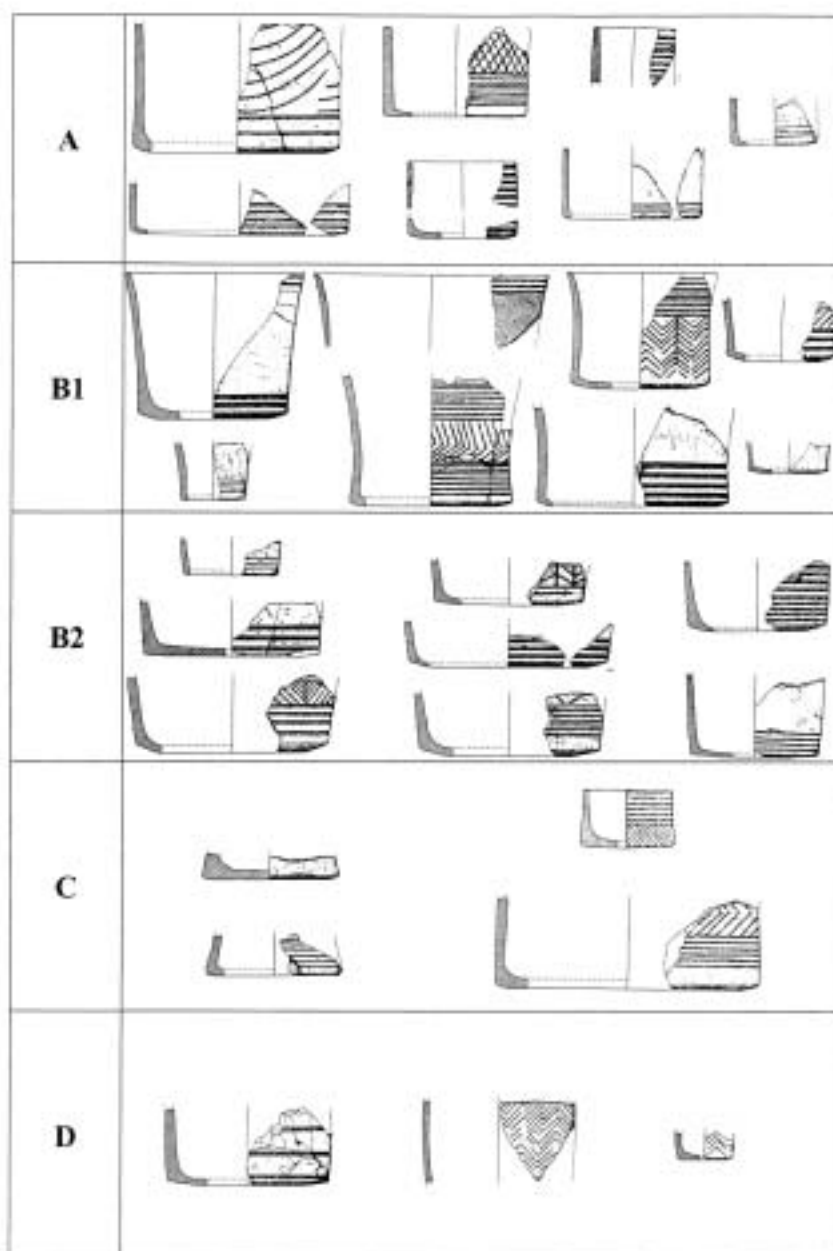
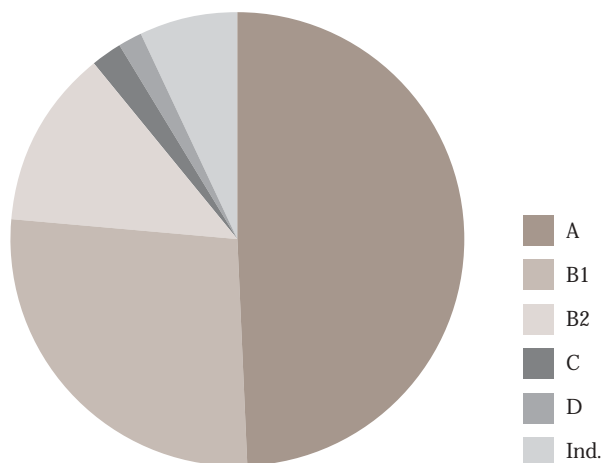


Fig. 6 Quadro das diferentes formas observadas nos copos de Vila Nova de São Pedro.



**Gráfico 1** Frequência das diferentes formas na totalidade dos copos.

*Forma A* – foram definidos como pertencendo a esta forma, aqueles cujo corpo apresenta forma cilíndrica ou subcilíndrica, os quais são os mais frequentes, representando 49,3% do total de fragmentos analisados (Gráfico 1).

*Forma B* – representa os copos de corpo troncocónico. Dentro desta categoria é possível ainda definir dois subtipos.

*Forma B1* – copos de forma troncocónica, que apresentam paredes curvilíneas, mais estreitas na sua zona mesial e lábio voltado para o exterior, em forma de “túlipa” (Paço, 1954, p. 72), verificada em 27,1% dos casos.

*Forma B2* – copos de forma troncocónica, de paredes rectilíneas, inclinadas ligeiramente para o exterior, registada em 12,7% dos exemplares.

*Forma C* – pertencem a esta forma os copos cuja parede do corpo mostra leve inclinação para o interior, registada em apenas 2,2% dos fragmentos.

*Forma D* – refere-se aos copos que apresentam paredes algo convexas, como, por exemplo, o copo 14-10, de reduzida expressão percentual (1,7%).

De registar ainda que cerca de 7% dos fragmentos, devido à sua reduzida dimensão, não permitiram identificar com segurança a sua forma.

Outros mostram tendência troncocónica muito ligeira, situando-se entre as duas primeiras formas, salientando-se o copo 09-01, que embora com corpo troncocónico, tipo B1, apresenta lábio inclinado para o interior da peça.

A subdivisão das descrições segundo as técnicas decorativas, permite-nos identificar diferentes características que lhe estão subjacentes, nomeadamente ao nível formal (Gráfico 2).

Dentro do primeiro grupo descrito – copos com decoração canelada – a grande maioria dos exemplares são da forma A (cerca de 47%), seguindo-se a tendência verificada para a totalidade dos copos.



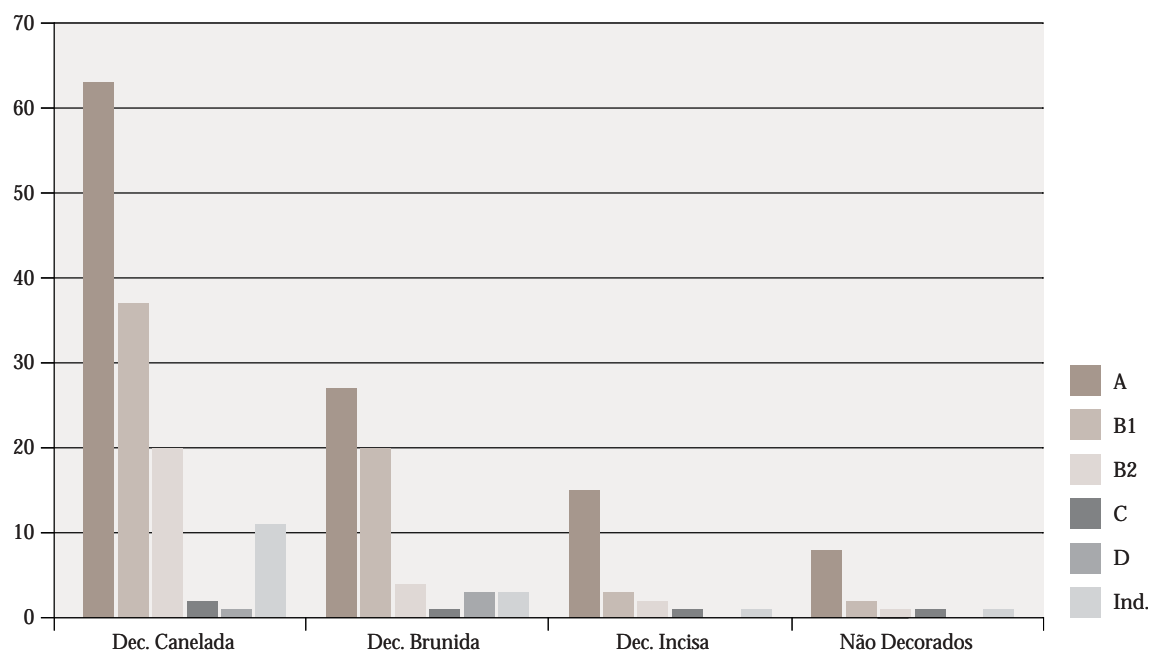


Gráfico 2 Distribuição das formas pelos diferentes grupos estudados.

Já no segundo grupo, dos copos com decoração brunida, apesar de mostrar, igualmente, um elevado número de formas cilíndricas e sub-cilíndricas, existe uma maior percentagem de formas troncocónicas relacionadas com este grupo, sobretudo do tipo B1 (34,5%).

Por outro lado, enquanto a forma C surge um pouco em todos os grupos, ainda que praticamente ausente nos copos de decoração brunida, o tipo D apresenta 75% dos casos exactamente naquele grupo, e é inexistente nos exemplares com decoração incisa e não decorados.

Relativamente aos bordos, estes apresentam-se geralmente verticais, com lábio de secção semicircular ou algo aplanados, de secção sub-rectangular, encontrando-se estes casos, sobretudo, nos copos tipo A.

Em menor número, mas igualmente frequentes, são os bordos afilados ou biselados exteriormente, relacionados, principalmente, com a forma B1.

Também a frequência dos diferentes fundos parecem coincidir, com as variantes formais. Os fundos planos ou quase planos verificam-se sobretudo, nas formas A e C, bem como no grupo dos copos com decoração incisa, embora os fundos mais frequentes, para a totalidade dos copos estudados, sejam os convexos (ainda que de carena muito baixa), mais ou menos acentuados.

As diferenças formais anteriormente enunciadas são, da mesma forma, expressas ao nível métrico nos diversos grupos tipológicos.

Contudo, o estado avançado de fragmentação da maioria das peças não permitem determinar todas as medidas e índices que seriam possíveis e necessários para uma melhor análise tipológica deste espólio.

Por esse motivo, perante a falta das alturas máximas, que permitam determinar a dimensão total dos copos, o seu diâmetro máximo pode-nos dar uma ideia desse aspecto.

Na totalidade do espólio estudado, verifica-se que na maioria dos exemplares os copos apresentam diâmetros entre 10 e 15 cm (49,7%), sendo que muitos outros mostram diâmetros de dimensão inferior (29,3%), sobretudo visível nos copos de decoração incisa e não decorados, seguindo-se os que apresentam diâmetros máximos superiores a 15 cm (22%).

<b>Diâmetros Máximos</b>		
0-5 cm	7	3.1%
5-10 cm	60	26.2%
10-15 cm	114	49.7%
15-20 cm	43	18.8%
20-25cm	5	2.2%

As espessuras dos bordos que foram possíveis de determinar, permitiram verificar que a grande maioria daqueles oferecem entre 0,3 e 0,6 cm de espessura, sendo raros aqueles que se encontram fora destes limites.

As espessuras máximas das paredes dos corpos, têm, geralmente, entre 0,4 e 0,8 cm, sendo que 0,6 cm é a medida que mais vezes se repete, sendo escassas as paredes com espessuras superiores ou inferiores àquele intervalo.

Quanto às alturas das carenas, estas apresentam quase sempre, valores entre os 0,3 e 0,6 cm, havendo ainda alguns mais baixos e sendo raros os que ultrapassam os 0,6 cm da altura máxima da carena.

Apenas quatro copos permitiram determinar os diferentes índices propostos: O Índice de Convexidade do Fundo (ICF), o Índice de Altura da Carena (IAC) e o Índice de Inclinação da Parede (IIP). No entanto, é preciso salientar que em copos de corpo cilíndrico e fundos planos, como acontece com o 187-01, estas não se aplicam.

Os primeiros mostram todos ICF muito baixos, entre os 3.6 (187-02) e 4.5 (48/1-01, 176-01), sendo que os IAC são também muito reduzidos, com valores compreendidos entre os 3,5 (187-02) e 4,7% (00-04, 176-01).

O IIP, ou seja, a relação entre o diâmetro do bordo e o diâmetro do fundo, mostra-se elevada com 102.9 no exemplar 48/1-01, e mais distante no 176-01 (118.2).

<b>Índices</b>			
<b>48/1-01</b>		<b>176-01</b>	
ICF= 4.5		ICF= 4.5	
IAC= 4.5		IAC= 4.7	
IIP= 102.9		IIP= 118.2	
<b>187-02</b>		<b>00-04</b>	
ICF= 3.6		ICF= 4	
IAC= 3.5		IAC= 4.7	
IIP= 108.3		IIP= 110	

Por outro lado, o Índice de Convexidade do Fundo, que relaciona a altura daquele com o seu diâmetro, é o único que pode ser aplicado aos restantes fragmentos estudados, caso conservem porção correspondente ao fundo.

<b>Índice de Convexidade do Fundo</b>							
00-01	2.7	33-06	6.8	00-02	2.5	35-03	3.6
00-08	2.3	48-16	2.8	00-07	4.7	55/2-30	4.1
00-11	3	48-22	3.4	00-12	3.3	55/2-33	2.9
00-14	2.7	48/2-01	5.4	07-03	3.7	55/2-36	2.2
00-16	4	48/2-02	3.7	09-11	3	55/249	3.5
01-04	3	55/2-27	2.5	12-06	3.2	00-09	4.5
04-01	1.6	55/2-28	2.3	12-07	7	00-15	3.1
06-03	2.7	55/2-31	3.3	12-18	5.2	01-03	5.5

<b>Índice de Convexidade do Fundo [cont.]</b>							
12-05	3.9	55/2-32	2.7	14-11	6.3	14-01	6.4
12-13	2.6	55/2-35	1.7	35-01	8.7	14-04	4.8
12-14	3.3	55/2-39	3.8	35-02	2.3	14-05	7.8
12-15	1.4	55/2-44	1.5	48-12	5	14-08	3
12-16	3.5	55/2-45	5	55/2-43	3.2	14-17	8.9
12-17	3.8	55/2-48	1.3	55/2-46	4.1	48-15	7.5
12-19	2.3	55/2-50	2.7	177-02	5.3	55/2-29	3.3
18-01	4.3	55/2-53	6.7	00-13	4.3	55/2-37	3.3
18-03	2.7	177-03	4.4	1/2-03	4.4	55/2-52	5
185/6	1.5	187-05	2.9	33-05	2		

Aqueles confirmam a mesma tendência para uma convexidade baixa, com valores compreendidos sobretudo entre os 1,3 e cerca de 5,5%, valor que apenas é ultrapassado por casos excecionais de fundos mais convexos, como acontece com o 33-06, 14-05 ou o 14-17.

Interessante é ainda salientar que, tal como os fundos mais baixos se encontram no grupo de copos de decoração canelada, já por si associados a formas cilíndricas e fundos mais planos, também os fundos mais convexos surgem com maior frequência nos vasos não decorados.

Os escassos copos que se encontram menos fragmentados, permitiram ainda estabelecer um conjunto de intervalos consoante a capacidade de cada um, segundo se tratam de copos muito pequenos (< de 200 ml), como é o caso do 187-01, pequenos (200 a 400 ml), médios (400 a 600 ml), como o 00-04, grandes (600 a 800 ml), do qual o 48/1-01 é exemplo, ou muito grandes (> de 800 ml), como acontece com o 176-01 (Fig. 7).

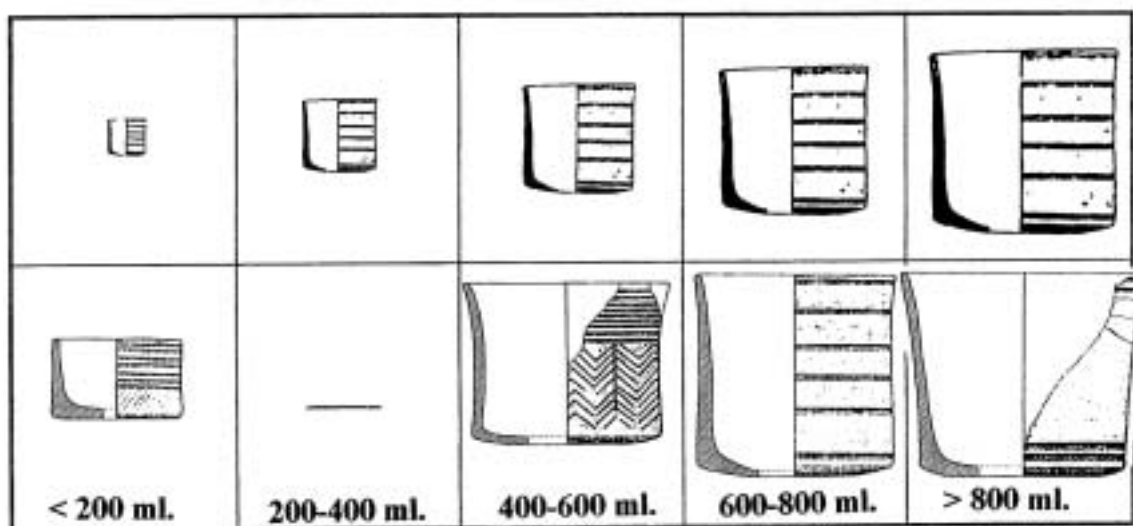
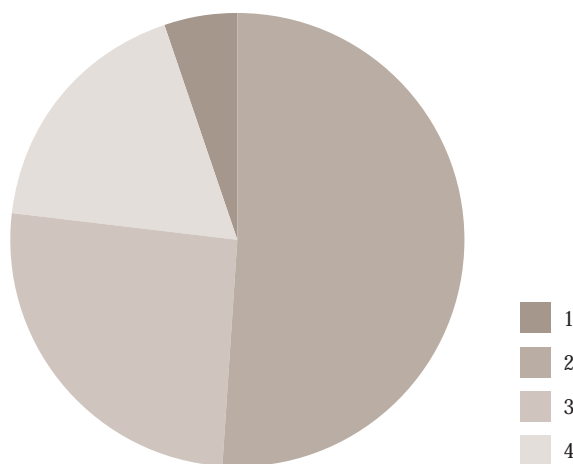


Fig. 7 Quadro de capacidades dos copos de Vila Nova.

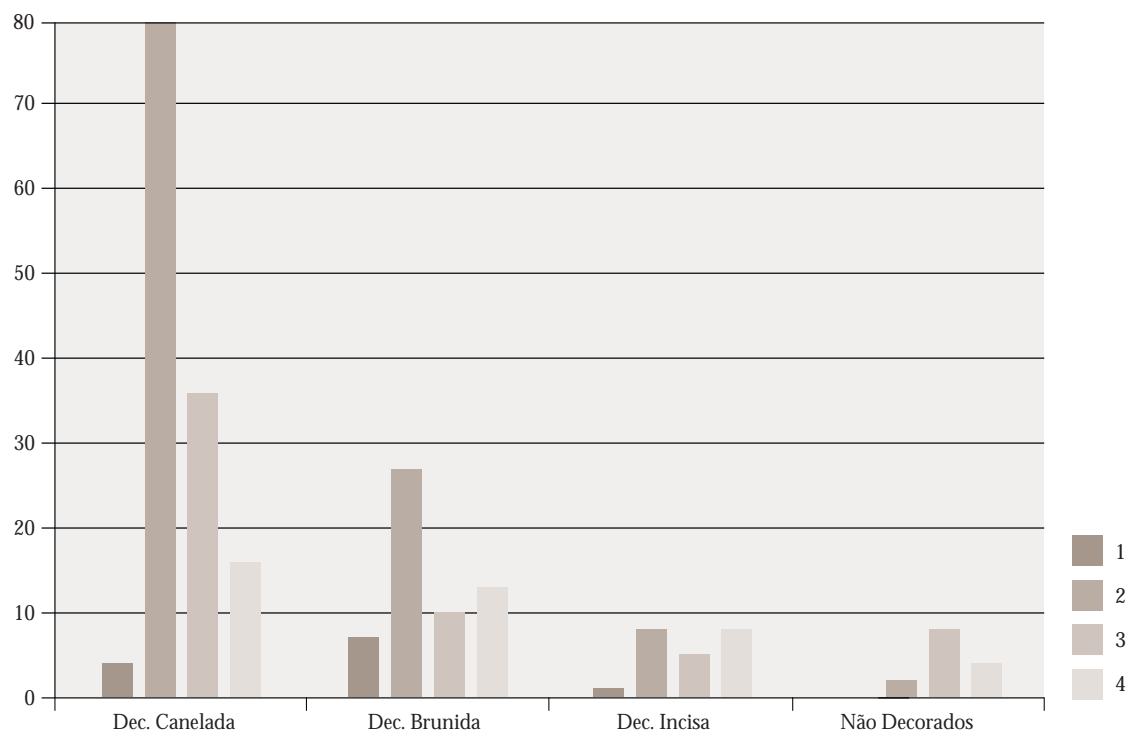
## 5.2. As técnicas. Pastas, cozaduras e tratamentos das superfícies

Tal como já se referiu anteriormente, uma das particularidades destes recipientes cerâmicos é que as pastas apresentam-se, de uma maneira geral, de grande qualidade (Gráficos 3 e 4).

Estas podem-se subdividir em pastas de muito boa qualidade (5,2%), pastas de boa qualidade, homogêneas e compactas (51,1%), pastas medianas, semi-homogêneas e/ou semi-compactas (25,8%), e pastas que, apesar de não serem más, são de pior qualidade (17,9%).



**Gráfico 3** Frequência das diferentes qualidades das pastas dos copos (1. Pastas de muito boa qualidade; 2. Pastas de boa qualidade; 3. Pastas de qualidade mediana; 4. pastas de qualidade inferior).



**Gráfico 4** Distribuição da qualidade das pastas pelos diferentes grupos inventariados (1. Pastas de muito boa qualidade; 2. Pastas de boa qualidade; 3. Pastas de qualidade mediana; 4. pastas de qualidade inferior).

As pastas de boa qualidade estão em clara vantagem em praticamente todos os grupos, muito especialmente no dos copos de decoração canelada, com 60%.

Também 58,6% dos copos com decoração brunida apresentam-se com boa ou mesmo muito boa qualidade, sendo que cerca de 60% das pastas de melhor qualidade se encontram relacionadas com este grupo (Fig. 8).

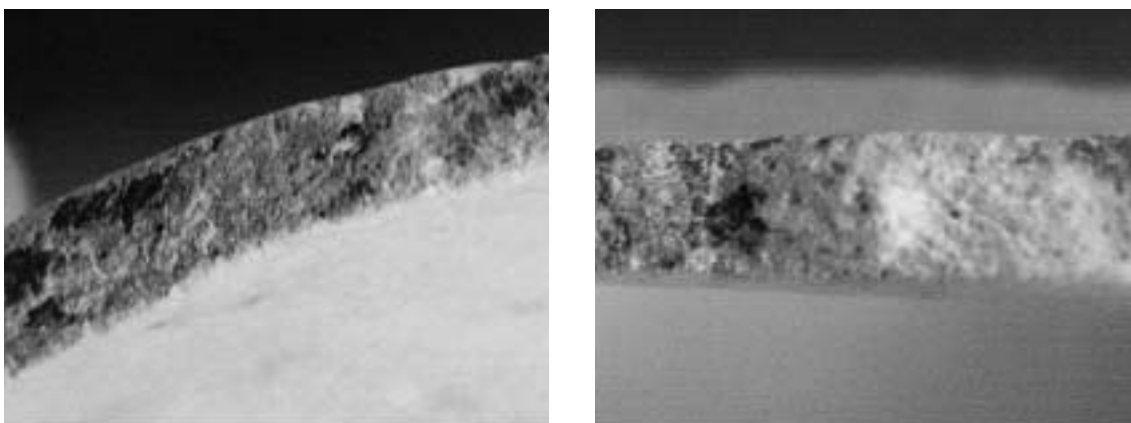


Fig. 8 Pormenor das fracturas dos copos 48-01 e 187-06.

Já entre os copos com decoração incisa, 36,4% dos recipientes são de pior qualidade e entre os copos não decorados apenas 13% são de melhores atributos.

Os elementos não plásticos presentes nas pastas correspondem na totalidade dos casos a partículas de quartzo e/ou mica, por várias vezes de moscovite e algumas de biotite, sendo que desgordurantes como o calcário e o feldspato são mais raros. Estes elementos apresentam-se normalmente em abundância e de grão fino e/ou médio.

Nos copos de decoração brunida, nomeadamente de brunidos finos, mostram-se muitas vezes com poucos elementos não plásticos e de grão muito fino e/ou fino.

Ainda que possam ter sofrido alteração por factores naturais, é possível verificar que pastas de cores castanhas e castanhas acinzentadas são as mais frequentes, seguindo-se os castanhos avermelhados e cinzentos, sobretudo nos copos decorados a brunido fino.

Igualmente frequentes são os castanhos alaranjados, abundantes nos copos de decoração incisa e nos não decorados, sendo mais raros tonalidades como o amarelado.

A análise da cor de ambas superfícies e núcleo possibilita retirar ainda algumas informações respeitantes ao processo de fabrico destes recipientes, como, por exemplo, sobre o ambiente de cozedura da maioria dos exemplares (Gráfico 5).

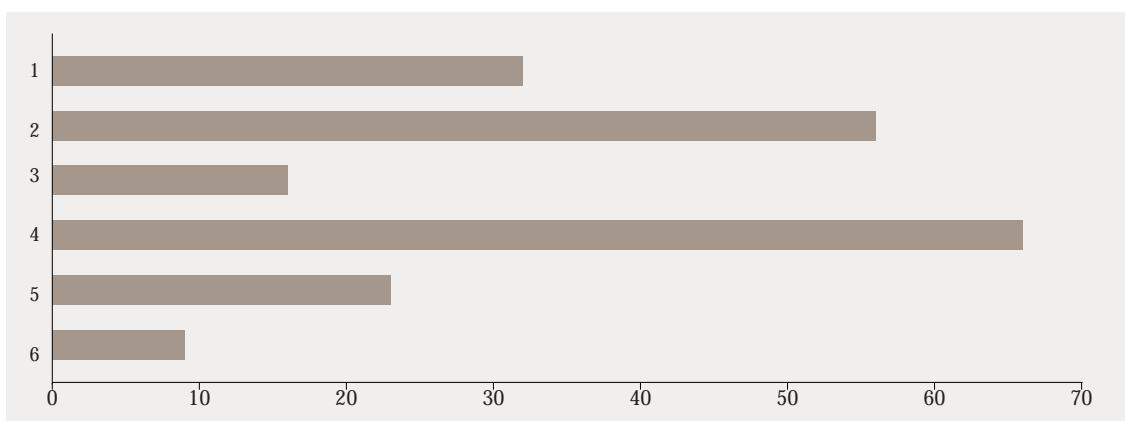


Gráfico 5 Cozedura das pastas (1. Oxidante; 2. Redutora; 3. Oxidante com arrefecimento em ambiente redutor; 4. Redutora com arrefecimento em ambiente oxidante; 5. Redutora com arrefecimento oxidante incompleto; 6. Oxidante com arrefecimento redutor incompleto).



As cozeduras são, maioritariamente, redutoras com arrefecimento oxidante (32,7%), ou simplesmente redutoras (27,8%), seguindo-se as de cozedura oxidante (15,8%) e as de redutora com arrefecimento oxidante incompleto (11,4%). Mais escassas são os recipientes que se apresentam com cozedura oxidante e arrefecimento redutor.

Importante é observar que 43% dos copos com decoração brunida mostram, na maioria das peças, cozedura redutora, bem como 69% dos copos de cozedura oxidante, são copos com decoração canelada.

Por outro lado, o relativo bom estado de conservação dos fragmentos agora analisados, permitem verificar os diferentes tratamentos das superfícies, que lhes foram aplicados (Gráficos 6 e 7).

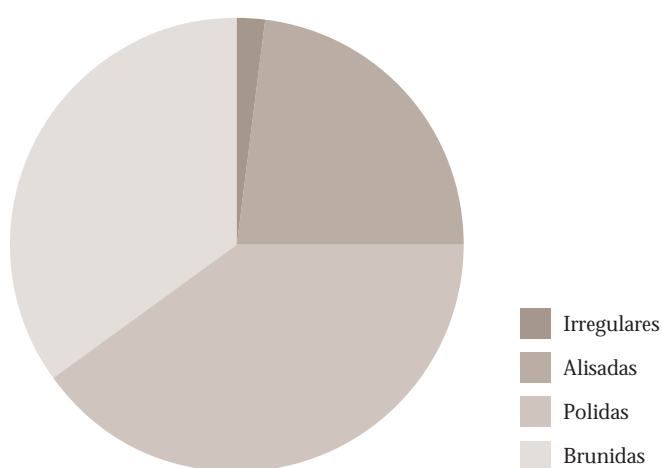


Gráfico 6 Frequência dos diferentes tratamentos de superfície.

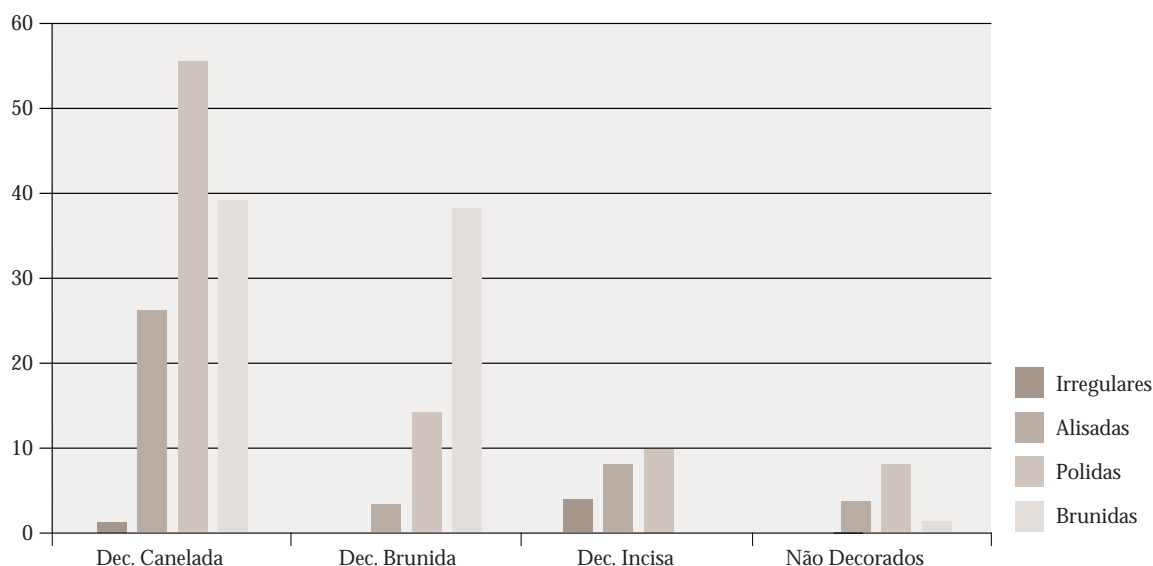


Gráfico 7 Distribuição dos tratamentos de superfícies, segundo os diferentes grupos analisados.

Assim, podemos observar facilmente que 75% dos copos mostram-se polidos (40%) ou brunidos (35%), estando estes últimos sobretudo presentes nos copos de decoração igualmente brunida e ausentes dos copos de decoração incisa.

Poucos são os que se apresentam apenas alisados, normalmente bem alisados, a maioria dos quais são copos de decoração canelada. Raros são os de superfícies mal alisadas ou mesmo irregulares (2%), 75% dos quais se encontram no grupo dos de decoração incisa. Em relação aos recipientes não decorados, 80% daqueles mostram superfícies alisadas ou polidas.

De uma maneira geral, ambas superfícies merecem o mesmo cuidado no que respeita ao tratamento das mesmas, salvo raras exceções, oferecendo-se irregulares nas superfícies internas e bem alisadas nas externas, polida no interior e brunida no exterior, a de superfície interna alisada e a externa polida.

A grande maioria dos copos, cerca 80%, apresentam vestígios ou, pelo menos, possíveis indicadores de lhes terem sido ainda aplicados engobes, quase sempre em ambas superfícies e que lhes conferem brilho.

De tonalidades diversas, são na sua totalidade de cor castanha, como as cores aproximadas de, segundo as *Munsell Soil Color Charts*, 5 YR 4/3 e 5 YR 4/4.

Contudo, predominam sobretudo as cores castanhas mais escuras (5 YR 3/1, 5 YR 3/2, 5 YR 3/3 ou 2.5 YR 4/3) ou mesmo o castanho muito escuro, denominada por Savory por “*cor de chocolate escuro*” (Savory, 1983-84, 23), com os códigos 5 YR 3/1, 2.5 YR 3/2 ou 7.5 YR 3/2.

Surge ainda, de forma frequente, o castanho de tonalidades acinzentadas, mais ou menos escuros (7.5 YR 4/3, 7.5 YR 4/4, 7.5 YR 5/3 e 5/4), sendo mais raras algumas tonalidades avermelhadas escuras (10 R 3/3) e alaranjadas (2.5 YR 5/8).

### 5.3. As temáticas decorativas

A decoração é elemento fundamental e quase sempre presente neste tipo de peças, ocupando apenas parte ou a totalidade da sua superfície externa, que se pode subdividir em três áreas decorativas distintas — a zona superior, sob o bordo, a zona mesial, sobre o corpo e a parte inferior, sobre o fundo.

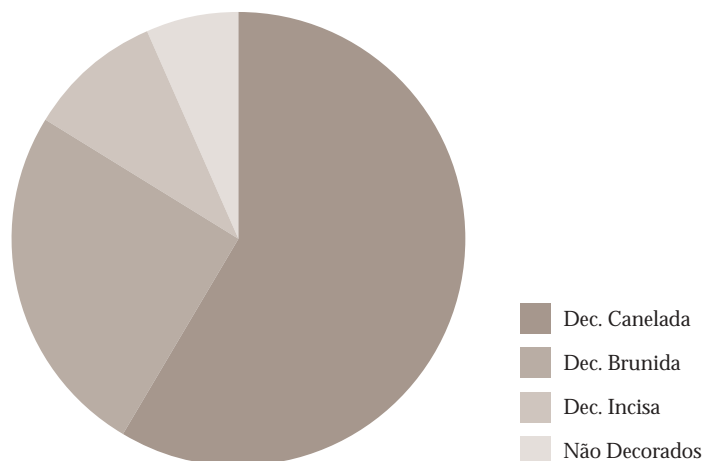
A diversidade de temática e técnica desenvolvem uma dialéctica decorativa própria, que pode, possivelmente, relacionar-se com diferentes origens e cronologias ou ser testemunho de diferenças funcionais ou mesmo socio-culturais.

Os tipos decorativos mais frequentes são os compostos por caneluras, mais ou menos profundas, dos quais se registaram 134 copos (58,5%). Seguem-se 58 recipientes de decoração brunida, mais ou menos fina (25,3%), o que não invalida que parte destes possam deter, igualmente, séries de linhas caneladas.

Em menor número, encontramos os de decoração composta por linhas incisivas (9,6%), havendo 15 fragmentos que aparentemente não possuem qualquer tipo de decoração (6,6%) (Gráfico 8).

Mais numerosas, as caneluras, organizadas na horizontal e paralelas entre si, formam elas próprias os motivos decorativos predominantes, os quais se podem distinguir entre as mais finas e pouco profundas e as mais largas e também mais profundas (Fig. 9).

As primeiras encontram-se, normalmente, agrupadas em conjuntos de quatro, cinco, seis, sete e oito caneluras, localizadas abaixo do bordo e/ou acima do fundo das peças, sendo que as séries mais numerosas estão quase sempre relacionadas como outros motivos, por vezes brunidos (00-04).



**Gráfico 8** Copos segundo técnicas decorativas e não decorados.

As caneluras de maior dimensão e profundidade agrupam-se geralmente em duas, três e quatro caneluras, e encontram-se igualmente localizadas sob o bordo e/ou sobre o fundo. Estas podem também estar relacionadas com outros motivos e técnicas decorativas (00-05, 09-11). Conjuntos de três caneluras surgem ainda, em alguns exemplares, a meio do corpo (187-02, 48-01).

Estas caneluras podem surgir ainda cobrindo a totalidade da superfície exterior do copo, apresentado-se bem afastadas umas das outras, distantes cerca de 1/1,5 cm entre si (48/1-01) ou, com série de sucessivas caneluras sobre todo o corpo (09-8/13).

Seguindo a mesma lógica e ordenação, surgem as linhas incisivas, organizadas na horizontal e paralelas entre si, reunidas em séries de três e quatro traços, sobre o fundo dos recipientes, ou preenchendo a totalidade dos seus corpos. Não raro, estes aparecem de forma irregular e/ou descontínua, por vezes com linhas verticais e oblíquas sobrepostas, de difícil interpretação.

Muito abundantes são, igualmente, as séries de linhas ziguezagueantes, paralelas entre si, organizadas tanto na vertical como na horizontal (Fig. 10). Estas ocupam a totalidade do corpo dos recipientes, como acontece, por exemplo, no 12-07, ou apenas na sua zona mesial (35-01).

Embora sejam, na sua maioria, motivos decorativos brunidos, há alguns, mais raros, compostos por finas linhas caneladas, as quais surgem um pouco mais profundas em apenas um dos casos. Este mesmo motivo aparece ainda em copos de brunido mais fino.

Por outro lado, outros vasos, mais fragmentados, mostram conjunto de linhas oblíquas que, ainda que não seja evidente, a sua continuação deverá ser a mesma das anteriormente descritas.

Semelhante a este elemento decorativo, surgem outros idênticos, compostos por ziguezagues paralelos, mas cuja presença de linhas divisórias forma elemento que denominamos, com maior realismo, de “motivo espinhado”, normalmente organizado na vertical (187-06, 09-01).

Este apresenta-se elaborado a brunido, mais ou menos fino, salvo uma única exceção, constituída por caneluras.

Não muito diferentes, compostos apenas por duas séries de linhas oblíquas opostas entre si, surgem os motivos em V, organizados quase sempre na horizontal, como parece acontecer no copo canelado, 187-03, e em copos de brunidos, mais ou menos finos (00-02, 48-01).

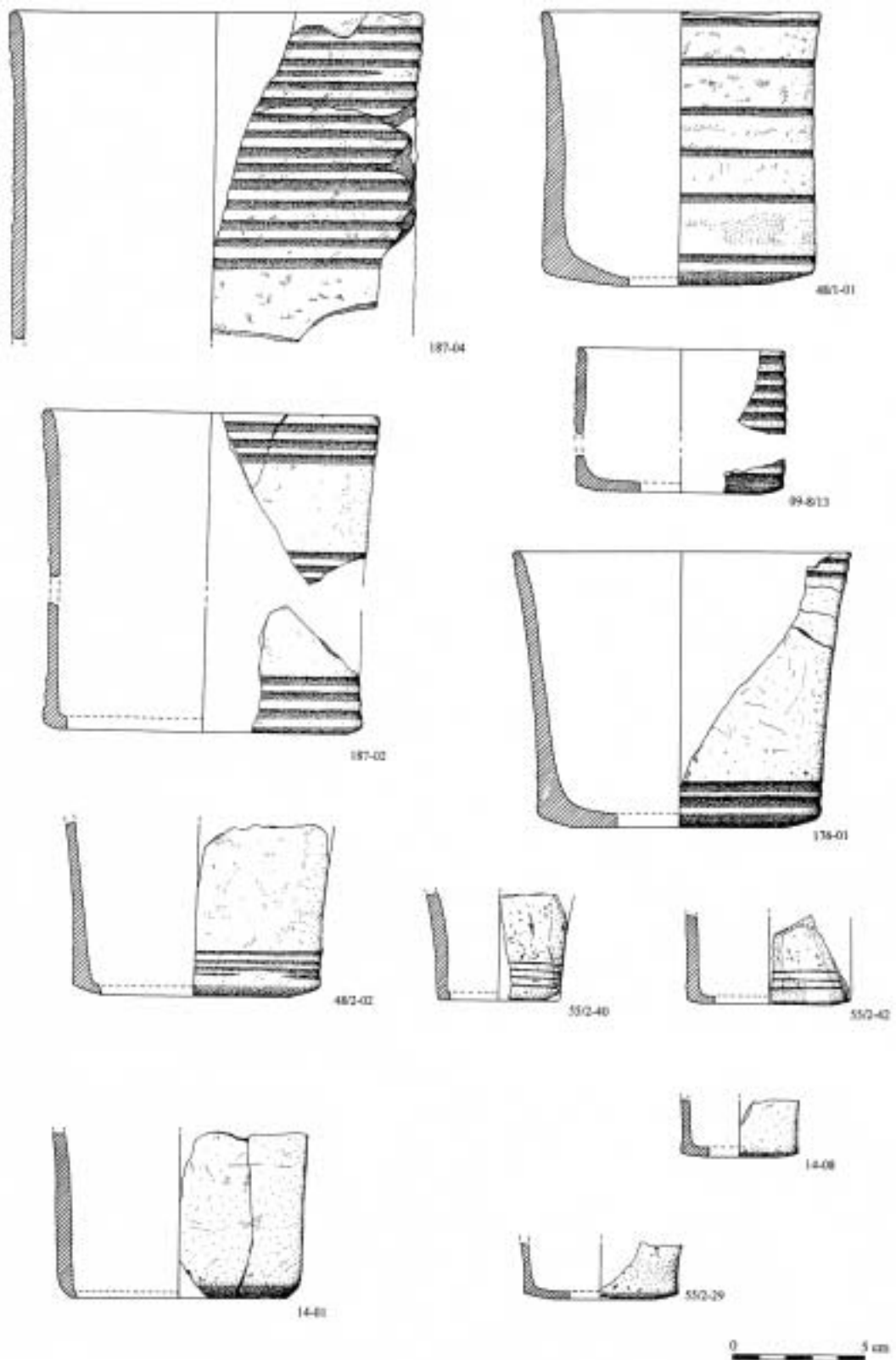


Fig. 9 Copos de VNSP, com decoração canelada ou incisa e recipientes não decorados.

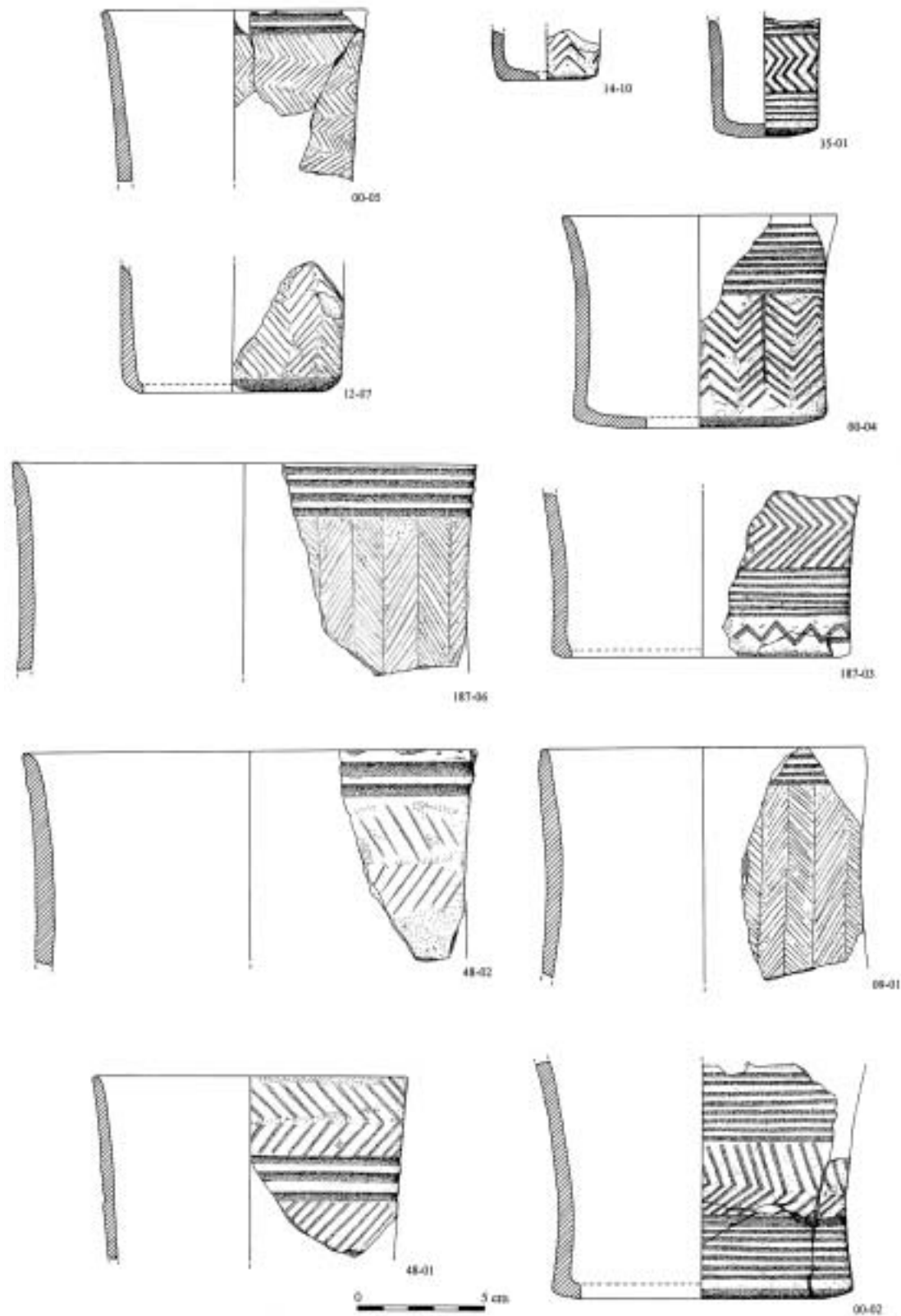


Fig. 10 Copos com decoração brunida ou canelada, formando ziguezagues, espinhados e motivos em V.



De salientar é o facto dos últimos três motivos descritos constituírem a grande maioria das temáticas decorativas brunidas (cerca de 70%) sobre a zona mesial do corpo ou a sua totalidade, sendo muitas vezes acompanhadas por conjunto de duas ou mais caneluras sob o bordo e/ou sobre o fundo. Apenas o copo 48-01 mostra decoração em V imediatamente abaixo do bordo, seguida de três caneluras, pouco profundas, a meio do corpo.

Seguem-se as decorações compostas por linhas igualmente oblíquas e que podem formar motivos metopados, séries de linhas em V, ou motivos diferentes mas cujo estado de fragmentação do espólio não permite identificar.

Surgem ainda vários exemplares com decoração constituída por conjuntos de semicírculos concêntricos, sobre o corpo, mostrando-se por vezes tão abertos que se assemelham mais a simples linhas curvilíneas (Fig. 11).

Dois dos copos apresentam o mesmo motivo, mas localizado imediatamente acima do fundo, como no recipiente 48-13.

Esta temática decorativa mostra-se sobretudo brunida, mas também pode ser canelada (00-01), bem como em exemplar de motivo metopado, composto por faixa horizontal de semicírculos sucessivos sobre o fundo.

Mais escassos são os quadriculados ou axadrezados, dispostos sobre os corpos de alguns dos copos estudados, normalmente compostos por linhas caneladas e geralmente antecidos e/ou sucedidos por caneluras.

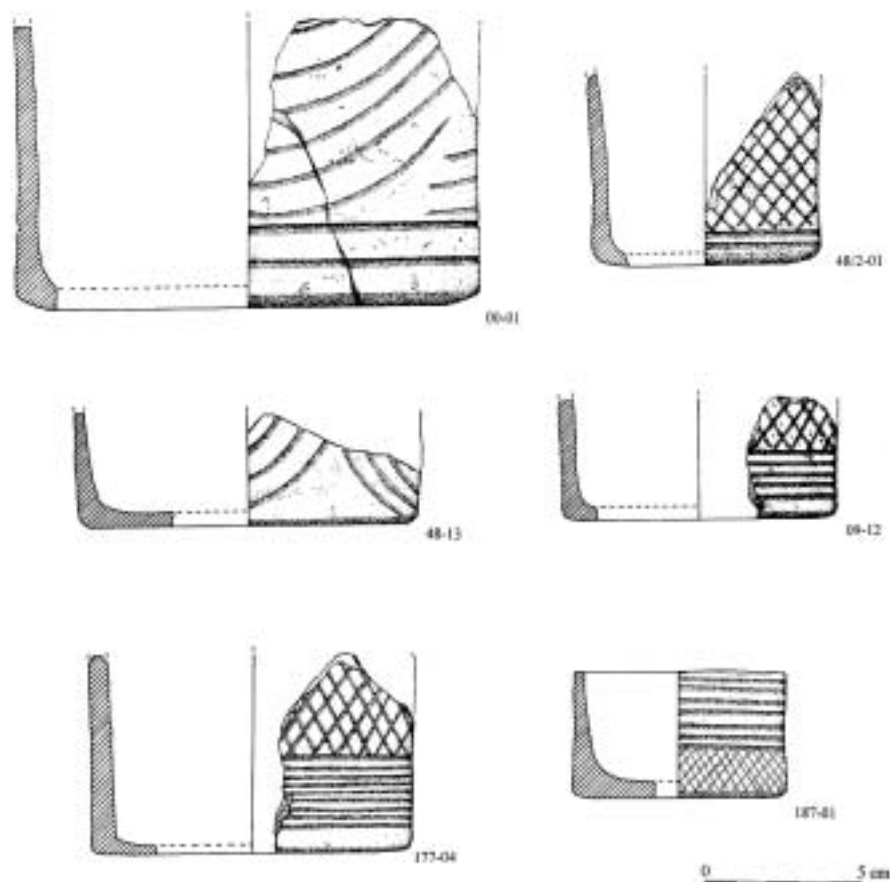


Fig. 11 Copos de VNSP, oferecendo decoração composta por motivos circulares e axadrezados.

Excepcionalmente, um exemplar mostra decoração brunida e outro (187-01) apresenta axadrezado constituído por linhas incisivas, o qual se encontra imediatamente acima do fundo.

Raras são ainda as linhas zigzagueantes isoladas, brunidas ou caneladas, e que, em ambos casos apresentados, se encontram sobre o fundo.

Saliente-se, por fim, o facto de boa parte dos copos agora estudados mostram decorações que podem conciliar não só motivos variados, como se pode observar no copo 187-03, mas também técnicas distintas, como acontece em inúmeros outros casos.

Por outro lado, o facto de se tratarem de técnicas diferentes, não impossibilita que a iconografia decorativa apresente, tal como ficou comprovado, uma elevada homogeneidade.

## 6. Integração cultural e conclusões

### 6.1. Os “copos canelados” peninsulares

No final do IV milénio assistimos à transição das sociedades do Neolítico Final para, o que muitos investigadores denominam de, “comunidades agro-metalúrgicas” do Calcolítico.

De facto, a “revolução dos produtos secundários”, originou a necessidade de maior sedentarização das sociedades, baseadas na agricultura intensiva, bem como, no crescimento dos povoados, onde a organização do espaço habitacional foi protegido por estruturas defensivas, na sequência de tensões entre grupos diferentes, e de prováveis influências, devido a contactos com populações mediterrânicas.

Assim, o desenvolvimento do processo de neolitização trouxe consigo a divisão social do trabalho e o conceito de propriedade privada que acentuaram diferenças socio-culturais, e a maior ou menor acumulação de excedentes, de riqueza, fez surgir o tráfico comercial e a guerra.

Neste sentido, povoados fortificados como o de Vila Nova de São Pedro, Zambujal e Leceia, constituem verdadeiros locais de referência do Calcolítico peninsular.

Rica em vales férteis, a Estremadura teria assistido a rápido crescimento das forças produtivas, que conjuntamente com o aperfeiçoamento dos utensílios e das técnicas de trabalho, conduziram a maior organização e complexificação da produção e das sociedades, hierarquizadas, bem como o desenvolvimento dos ofícios não agrícolas.

Os povoados engrandeceram, tornaram-se o centro de trocas comerciais, incentivando o comércio a longa distância (Pinto e Parreira, 1979, p. 141).

Os achados de “copos canelados” surgem em especial na bacia do Sado e do Tejo, em povoados abertos, recintos fortificados ou monumentos funerários, como dólmenes e grutas artificiais.

O povoado fortificado do Zambujal, situado a oeste de Torres Vedras, sobranceiro à ribeira de Pedrulhos e a 10 km da costa, é exemplo máximo de um complexo e sofisticado sistema defensivo que marcam por certo a arquitectura militar calcolítica da Península Ibérica.

Descoberto em 1932 por Leonel Trindade, foi objecto de sucessivas escavações arqueológicas, entre 1964 e 1973, por H. Schubart e E. Sangmeister, que assinalam uma nova época da investigação arqueológica peninsular deste período.

As diversas intervenções permitiram distinguir cinco momentos de construção de sistemas de fortificação, os quais resultaram de diferentes conceitos de estratégia defensiva, e recolher inúmeros materiais, sobretudo cerâmicos entre os quais peças caneladas, decoradas a “folha de acácia” e vasos campaniformes.

Foram identificados 644 fragmentos de copos, mas que apenas representam 0,4% do total de cerâmica (tal como acontece com os decorados a “folha de acácia”, e ainda menos no que respeita os vasos campaniformes), sendo que 428 foram contemplados em estudo de Kunst, que comparou a posição cronológica daqueles com as das restantes cerâmicas decoradas (Kunst, 1996, p. 260).

Depois de Vila Nova de São Pedro, apenas Zambujal parece poder comparar-se no que respeita à qualidade e quantidade de “copos canelados”.

Estes apresentam-se de boas pastas e acabamentos, de formas cilíndrica, troncocónica, de paredes ligeiramente convexas ou inclinadas para o interior, isto é, compreendendo todas as formas identificadas em Vila Nova de São Pedro. Os bordos verticais de lábio com secção semicircular e fundos levemente convexas, quase planos ou mesmo planos, mostram-se frequentes.

As decorações revelam-se, mais uma vez, em tudo semelhantes aos copos agora estudados, compostas sobretudo por caneluras, mais ou menos finas e profundas, sob o bordo, sobre o fundo ou ocupando todo o corpo. Igualmente frequentes são os brunidos finos, imediatamente acima dos fundos ou sobre os corpos, formando linhas zigzagueantes (que podem ser também, aparentemente, incisadas ou caneladas) paralelas ou motivos espinhados, organizados tanto na vertical como na horizontal, bem como semicírculos concêntricos, sobre a carena (Kunst, 1996, Figs. 1 a 14).

Saliente-se ainda exemplar cuja organização decorativa mostra-se muito semelhante ao copo 48-01 de Vila Nova, onde, ao contrário da maioria dos casos, oferece série de caneluras a meio do corpo, após banda de zigzagues paralelos brunidos, sob o bordo (Kunst, 1996, Fig. 10 c).

Leceia é, da mesma forma, um dos maiores centros fortificados da Estremadura portuguesa. Localizada em zona estratégica próxima do mar e junto à ribeira de Barcarena, este arqueossítio oferecia excelentes condições de defesa e de subsistência para as comunidades que aí residiram, desde o Neolítico Final.

A fase inicial do Calcolítico de Leceia, datada de cerca de 2800 a 2400 a.C., encontra-se bem caracterizada pela presença de copos e taças (Soares e Cardoso, 1995, p. 275).

A sua decoração é composta por caneluras paralelas, organizadas na vertical ou na horizontal, ou decoração metopada, obtida, igualmente por caneluras, em formas sobretudo idênticas ao nosso tipo B1 (Soares e Cardoso, 1995, p. 265; Cardoso, 1997, p. 71, 72).

Contudo, foram recolhidos exemplares de forma idêntica à dos copos, mas com decoração em “folha de acácia”, já do Calcolítico Pleno (Cardoso, 1997, p. 82, 83). Alguns fragmentos idênticos foram encontrados em Vila Nova de São Pedro, mas não foram contemplados no presente trabalho. No entanto, os exemplares 00-12, 55/2-3/9, 55/2-16 e, em especial o 55/2-26, podem ser considerados, por comparação, mais tardios que os restantes (Ferreira, 2001, p. 90-193).

Assim como “(...) podemos afirmar que se trata de forma presente no Neolítico Final de Leceia, a mesma que, no Calcolítico Inicial, e em percentagens sempre inferiores, no conjunto da totalidade das formas, a 1.0%, se apresenta decorada” (Cardoso, 1997, p. 45).

A Sul deste povoado, no Monte do Castelo, foram igualmente recolhidos pequenos fragmentos de copos, de decoração canelada, mas também espinhada, salientando-se um com mais de 19 cm de diâmetro máximo da carena, com motivo espinhado sobre a mesma, organizada na vertical, semelhante a outros do povoado de Vila Nova de São Pedro (Cardoso, Norton e Carreira, 1996, p. 289).

No Alto do Dafundo, Penedo do Lexim e Pedra Furada, sítios mais carentes e menos proeminentes em termos económicos, foram recolhidos alguns fragmentos de “copos canelados”, com pastas de cor castanha-avermelhada ou negra, compactas, de boa cozedura e tratamento

quase sempre polido, tal como acontece em Vila Nova, predominando os copos com decoração composta por caneluras horizontais, mais ou menos fundas, sob o bordo e sobre o fundo, mas também motivos axadrezados ou espinhados brunidos (Sousa, 1998, p. 112), seguindo a mesma lógica decorativa dos exemplares agora estudados.

Já em 1978, os trabalhos arqueológicos efectuados permitiram registar, no povoado do Alto do Dafundo (Linda-a-Velha), diversos fragmentos de cerâmica canelada, sobre a forma de copo, de bordo algo extrovertido e fundo convexo, decorado por caneluras pouco profundas intercalando, por vezes, com zonas lisas ou traços oblíquos. As pastas são compactas e homogéneas de cor castanha-avermelhada e superfícies da mesma cor ou ainda mais escuras, ou de pastas negras e superfícies semelhantes. As paredes apresentam-se bem alisadas ou polidas, normalmente engobadas.

Outros copos recolhidos no Outeiro da Assenta (Óbidos), no Outeiro de São Mamede (Bombarral), na gruta de Vale da Lapa (Cadaval), na Póvoa da Serra das Éguas (Sintra), nos hipogeus do Tojal de Vila Chã (Sintra) e do Casal do Pardo (Palmela), foram apresentados por Bubner como cerâmica de importação em trabalho de 1979. Aqueles mostram-se em geral de pastas finas, compactas, bem cozidas, geralmente de cor negra e engobe castanho escuro, sendo que uns oferecem fundo mais largo que a boca e outros são “(...) *mais estreitos a meio, com lábio fino e virado para fora, apresentando a base tendência a uma convexidade cada vez maior, até formar carena* (...)” (Bubner, 1979, p. 59).

A referência aos copos do povoado da Serra das Éguas é feita por João Ludgero Gonçalves, por comparação com o povoado de Olelas, onde se encontraram alguns fragmentos desses recipientes, com decoração canelada e metopada sobre fundo, semelhante a um dos nossos exemplares (Gonçalves, 1993, p. 39).

Copos de decoração canelada e forma troncocónica, tipo B1, estavam igualmente presentes no Castro da Columbeira (Leiria) e publicados pelo mesmo investigador (Gonçalves, 1994, p. 5).

Por outro lado, também no assentamento calcolítico do Penedo (Torres Vedras), foi recolhida pelo menos, parte de fundo de copo, de pastas avermelhadas e decorado por linhas horizontais incisadas (Spindler e Trindade, 1970, p. 104).

No monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra), conjunto sepulcral que se integra no complexo das necrópoles do Neolítico Final e Calcolítico Inicial, mostra espólio cujas diferenças culturais se apresentam mais ao nível do acervo de carácter simbólico e mágico-religioso, do que dos restantes materiais. No entanto, essa diferença faz-se sentir pela presença da forma de copo não decorado ou canelado.

Afonso do Paço assinala ainda a presença de copos nas grutas de Alapraia (Paço, 1995a, p. 107, 108), com motivos decorativos espinhados sobre o bordo, entre série de caneluras a baixo do bordo e sobre o fundo sendo ainda conhecidos os exemplares deste tipo de cerâmicas, descobertos nas grutas artificiais de Casal do Pardo, em Palmela, bem como nas grutas de Carenque 1 e 3.

Os copos canelados provenientes das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque, Amadora), depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, mostram paredes rectas e fundos ligeiramente convexos, sendo um decorado por conjunto de caneluras, sob o bordo, e o outro, por série de nove caneluras, sob o bordo e sobre o fundo (Helena, 1933, p. 19)

Os “copos canelados” foram, portanto, encontrados na maioria dos arqueossítios datados do Calcolítico Inicial da Península de Lisboa, os quais se apresentam muito semelhantes entre si e, muito particularmente, com os copos de Vila Nova de São Pedro, aos níveis formais, técnicos e decorativos (Fig. 12).

Já na Península de Setúbal, para além de Casal do Pardo (Palmela), foram recolhidos no povoado do Pedrão, por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, cerca de 15 fragmentos de copos, com corpos de formas cilíndricas ou troncocónicas, de fundos planos ou quase planos, predominando a decoração canelada composta por traços paralelos e horizontais ou traços paralelos e oblíquos, geralmente, pouco profundos e largos. As superfícies apresentam-se muito bem



Fig. 12 Indicação dos principais arqueossítios com “copos” (1 - Assenta, 2 - São Mamede, 3 - Columbeira, 4 - Vila Nova de São Pedro, 5 - Vale da Lapa, 6 - Zambujal, 7 - Penedo, 8 - Serra das Éguas, 9 - Lexim, 10 - Carenque, 11 - Alapraia, 12 - Leceia, 13 - Parede, 14 - Alto do Dafundo, 15 - Rotura, 16 - Casal do Pardo, 17 - Pedrão, 18 - Antas da Região de Reguengos de Monsaraz, 19 - Perdigões, 20 - Santa Justa, 21 - povoados e necrópoles da região de Huelva).



alisadas ou polidas, em alguns casos com vestígios de engobe, sendo as pastas, na sua maioria compactas e com os elementos não plásticos raros e/ou finos, de quartzo e mica. O núcleo apresenta-se geralmente de cor vermelha acastanhada ou cinzento quase negro e as superfícies de cor vermelha acastanhada, sendo menos frequentes o núcleo e ambas superfícies de tonalidade escura (Silva e Soares, 1975, p. 133-134).

No povoado pré-histórico da Rotura, intervencionado e estudado por O. Veiga Ferreira, C. Tavares da Silva e Victor Gonçalves, foram exumados alguns fragmentos de copos “tipo Vila Nova I”, a qual aparece, segundo o estudo estratigráfico, nos níveis inferiores daquele arqueosítio (Gonçalves, 1971, p. 77; Ferreira e Silva, 1970, p. 16)

Na região de Reguengos de Monsaraz, em especial nas antas “eneolíticas” 1 e 3 dos Gorginos, Olival da Pega, Anta 1 e *Tholos* da Comenda, *Tholos* da Farisoa e *Tumulus* de Jeromigo, foram documentados vasos de corpo cónico ou cilíndrico, normalmente de pequenas dimensões, de paredes verticais ou algo convexas e fundos “*esférico-achatados e planos*”, com decoração incisa ou não decoradas (Leisner e Leisner, 1951, p. 97-99), cuja qualidade se parece mais com os copos de decoração incisa e não decorados de Vila Nova de São Pedro.

Ainda próximo, no povoado dos Perdigões, foram recolhidos copos de corpo ligeiramente troncocónico ou cilíndricos, de base plana “*com arestas arredondadas*” (Lago *et alli*, 1998, p. 82).

Por outro lado, conhecem-se hoje alguns recipientes cilíndricos, paredes rectas e fundos quase planos, além do Alentejo, na região algarvia.

No povoado aberto de Corte João Marques, foram recolhidos sete fragmentos de “*vasos de paredes rectas*”, enquanto em Santa Justa (Alcoutim), foi encontrado apenas um fragmento de fundo de copo decorado. Apresentando estado de fragmentação elevado, Victor Gonçalves, diz tratar-se, possivelmente, de peça importada, devido às características únicas que a sua pasta oferece. Contudo, o acabamento deste recipiente é diferente dos restantes exemplares estremenhos, sem engobe ou brunido, e a sua decoração é composta por “*linhas ondulantes*” junto ao fundo (Gonçalves, 1989, p.278).

Mais raros, conhecem-se copos canelados de Los Millares (Leisner, 1945, est. 8.18), bem como alguns copos de necrópoles datadas do III milénio, e em contextos habitacionais, nomeadamente da região de Badajoz, mas de características formais, técnicas e decorativas diferentes dos recipientes da Estremadura (Sousa, 1998, p. 105).

Na província Huelva, foram reconhecidas algumas formas cilíndricas de base plana ou quase plana, por vezes com as paredes algo inclinadas para o exterior, alguns dos quais mostram semelhanças com os copos estremenhos, ainda que diferentes na sua maioria, quase sempre sem decoração ou com decoração incisa, compondo motivos espinhados e reticulados (Calimach Massieu, Martín-Socas e Arco-Aguilar, 1984).

Em povoados como Almizaraque (Almería), foi descoberta forma semelhante com motivos espinhados sobre o bordo (Fernández Miranda, 1986, p. 74). Também no povoado de Campos e de Cievieja (Almería), foram recolhidos copos, com formas cilíndricas e troncocónicas, alguns com decoração composta por linhas zigzagueantes paralelas, inseridos no contexto cultural do “Horizonte Millares I” (Martín-Socas e Camalich Massieu, 1986, p. 187; Carrilero Millán e Suárez Márquez, 1995, p. 202-204). Também o recém inaugurado Museu Arqueológico de Alicante guarda forma em tudo semelhante aos copos de Vila Nova de São Pedro, recolhida em Pic de les Moreres (Crevillente), datada do Neolítico Final/Calcolítico Inicial.



## 6.2. Origens ou influências?

Há cerca de cinco mil anos a paisagem que circundaria o povoado de Vila Nova de São Pedro seria totalmente diferente da actual, sendo que as comunidades podiam atingir em pouco tempo a costa marítima e o rio Tejo, facilitando igualmente, como defende Susanne Daveau, não só as intensas relações com o Levante Espanhol e a Cultura Millarensis, bem como, os contactos com povos do Mediterrâneo Oriental (Mar Egeu e Anatólia) (Daveau, 1980, p. 34).

Por outro lado, a quantidade infindável dos mais diversos materiais, desde as pontas de flecha aos pesos de tear, revelam um centro económico muito activo, que teria, necessariamente fortes relações comerciais, com populações locais, regionais e outras mais longínquas, exportando alguns dos produtos aí fabricados, em troca de, por exemplo, matérias-primas ou objectos de prestígio.

O conceito de “colónia” foi usado pela primeira vez por L. Siret, baseado nas características vincadamente orientais, possivelmente fenícias, dos materiais e das fortificações dos povoados do “horizonte cultural de Los Millares”, que definia um conjunto de estabelecimentos com padrões de assentamento semelhantes (Siret, 1907).

Diversos autores, nos anos 60 e 70, como Blance e Sangmeister, retomaram essa discussão e admitiram uma relação directa entre Mediterrâneo Oriental e a Estremadura, onde os povoados passaram a ser caracterizados como feitorias.

*“The evidence is, however, sufficient to suggest that although Vila Nova de São Pedro owed nothing to the local Neolithic Cultures, those cultures were still in existence in the area”* (Blance, 1961, p. 195).

Sendo a Estremadura Portuguesa considerada como “(...) a porta de entrada de influências orientais chegadas por via marítima (...)” (Leisner, 1961), o rio Tejo seria a grande via de penetração no *hinterland*. Muitos outros investigadores continuaram a defender a origem oriental, relacionada com a prospecção do cobre, para as transformações sociais e económicas que ocorreram naquele período.

A partir dessa altura, os modelos difusionistas deram lugar aos que defendiam um processo autónomo e de continuidade cultural, na transição do Neolítico para o Calcolítico. Ainda que as interpretações orientalistas persistam, estas renovam-se, tornando-se mais moderadas.

Com as intervenções nos povoados de Zambujal e Leceia, mas também em Monte da Tumba, Santa Justa, Los Millares ou El Malagón, as teses colonialistas sofreram grandes alterações, perante numerosos materiais produzidos localmente, sendo a proporção de espólio eventualmente importado quase insignificante.

Contudo, Schubart chegou mesmo a defender que os fundadores tanto de Vila Nova de São Pedro como do Zambujal, deviam ter sido ou colonizadores ou comerciantes vindos do Mediterrâneo (Schubart, 1967, p. 203). Mas a verdade é que algumas daquelas fortificações, à data da sua construção, mostram-se sem qualquer vestígio da actividade metalúrgica, pelo que não teriam sido erguidas por colonos metalurgistas.

Em 1967, C. Renfrew reage contra as teses difusionistas, desmontando os seus argumentos, defendendo o aparecimento da metalurgia simultaneamente no Oriente e na Península Ibérica, como processos autónomos, dentro da dinâmica interna de cada comunidade, conduzindo às primeiras sociedades agro-metalúrgicas. Estes originaram, por sua vez, alterações sociais, económicas e técnicas, que se fizeram sentir na estratégia de povoamento e na arquitectura funerária (Renfrew, 1967).

Perante os diversos materiais que Savory apresenta como sendo reveladores de contactos mantidos entre o Oriente, nomeadamente Egeu, Palestina, Egipto e Península Ibérica, como

lúnulas de calcário, pendentes zoomórficos, modelos de sandálias, pentes, alfinetes, malgas ou almofarizes de calcário, copos ou taças caneladas (Savory, 1969, p. 131-135), Carlos Tavares da Silva diz ainda que, embora se possam reflectir, em algumas delas, influências mediterrânicas, não existe nenhuma claramente importada do Mediterrâneo oriental. Mas não podemos esquecer que pelo menos os marfins, necessariamente importados, ainda que possam ter sido trabalhados localmente, eram-no segundo modelos orientais.

Para Carlos Tavares da Silva, a passagem do Neolítico para o Calcolítico foi sobretudo marcada por uma continuidade, expressa na própria cultura material, sendo que apenas a taça carenada é substituída pelo prato de bordo espessado.

Quanto aos copos canelados, estes são utilizados, por aquele investigador e por Joaquina Soares (Silva e Soares, 1976/77, p. 265), para definir o horizonte do Calcolítico Inicial da Estremadura Portuguesa, entre 2700 e 2500 a.C., dentro de uma teoria trifásica sobre o Calcolítico do Sul.

Aqueles recipientes, demasiado sobrevalorizados pelos difusionistas e defensores da *“import-keramik”*, seriam antes produções locais, pelo que Carlos Tavares da Silva recorda a presença de protótipos do Neolítico Final, como o copo carenado da Lapa do Fumo e um outro decorado com dois báculos, da anta EY de Montemor-o-Novo (Silva, 1990, p. 48).

Paralelamente, era preciso ter em atenção as habitualmente baixas cronologias que os protótipos mediterrâneos parecem apresentar e que fizeram desmoronar os paralelos estabelecidos com a cerâmica importada “tipo Pelos” e os alfinetes “tipo Syros”.

A verdade é que em ambas teses, difusionista e evolucionista, os “copos canelados” assumiram papel de destaque.

Tanto Sangmeister como Blance interpretam diversos materiais, entre eles os “copos canelados”, muito especialmente os que se apresentam decorados por *“stroke-burnishing”* (Blance, 1961, p. 194), como parte integrante de um complexo colonizador do qual faziam parte as fortificações com bastiões, como em Vila Nova de São Pedro ou Los Millares.

Mas Savory veio a comprovar, mais tarde, que aquele espólio poderia ser anterior à construção desses sistemas defensivos, que teriam certamente, influências levantinas, igualmente visíveis em cerâmicas de decoração simbólica.

Sobretudo visível pela frequência da decoração constituída por motivos espinhados, abundante na cerâmica pré-campaniforme, do Cicládico Antigo, das ilhas do mar Egeu, a qualidade da sua pasta fazia também lembrar as olarias “Urfinis” dos finais do Neolítico e início das fases Minóica ou Heládica.

*“Little is known about the use of stroke-burnishing in the East Mediterranean, but Sangmeister has already drawn attention to the resemblance between this pottery and the Cycladic pyxides (Paço e Sangmeister, 1956, p. 222). In the Cyclades, herring-bone decoration occurs mainly on squat cylindrical or on taller jars, but the pattern always appears to be incised into the pottery, and it is never confined to the surface as in Portuguese material. The Portuguese material is in fact, of better quality and craftsmanship than the Cycladic.*

*The burnished red colour of the Portuguese sherds, together with their form and decoration, suggest that both they and the Cycladic pottery may have originated in attempts to copy decorated metal objects (...)”* (Blance, 1961, p. 198).

Com efeito, o brilho que o polimento ou o brunido conferem aos copos do povoado de Vila Nova de São Pedro, quase sempre enriquecido por engobe igualmente brilhante, de tonalidades castanhas, podem querer recriar um brilho e decoração metálicos.

Por outro lado, é de salientar, que ao contrário da maioria das cerâmicas até então produzidas na Península Ibérica, os copos possuíam uma forma compósita, que não sairia de maneira

natural das mãos de um oleiro, e que seria mais facilmente concretizada por junção de duas partes metálicas.

A tese e a denominação de *“Importkeramik”* foi secundarizada pelos diversos investigadores que passaram por Vila Nova de São Pedro, tanto por Afonso do Paço e Jalhay, sobretudo quanto às possíveis origens e/ou influências com a cultura material egípcia, como por Maria de Lurdes Costa Arthur e Savory.

Certas influências orientais parecem, de facto, fazer-se sentir noutros materiais, como acontece com pontas de flecha de possível origem egípcia ou as estatuetas femininas, muitas vezes com sexo e seios marcados, com inegáveis paralelos no Egipto e no Egeu.

Desde os anos 50 que Afonso do Paço encontrou nos copos de menores dimensões de Vila Nova de São Pedro, testemunhos da presença de populações mais avançadas, que se haviam estabelecido naquele povoado. Aqueles apresentavam pastas de grande qualidade, de cor avermelhada e quase sem elementos não plásticos, com decoração composta por série de finas caneluras.

Uma análise mais atenta desses materiais, possibilita que hoje se possa questionar a possibilidade de algumas peças, classificadas por aquele investigador como copos, corresponderem antes a taças. Assim sendo, recipientes cuja forma é, claramente, a de uma taça, mostram fabrico idêntico a esses “copos”, indicando, pelo menos, produção formalmente mais variada. Todavia, as pequenas taças poderiam ter funções idênticas aos copos e o seu centro de produção ou os seus protótipos podem ser importados.

Em 1959, Savory, ao efectuar corte e registo estratigráfico anteriormente mencionado, conseguiu demonstrar a existência de dois grupos culturais distintos, a um dos quais fazem parte os fragmentos de “olaria fina”, correspondendo a copos, com decoração canelada.

Aqueles teriam, segundo o mesmo autor, ligações com o Egeu e a Anatólia, visíveis também pela presença de ídolos de cornos, com paralelos em ídolos neolíticos cretenses e objectos votivos do Calcolítico da Anatólia Central.

Savory elabora assim *“(...) a síntese possível (...) de onde a Anatólia, o Egeu e a Palestina exorcizam definitivamente o fantasma egípcio, mas onde a força do mundo oriental parece constante (...)”* (Gonçalves, 1989, p. 428), aceitando o Egeu, Creta e as Cíclades como a provável proveniência dos copos, anterior à fase millarensis fortificada.

*“O canelado em espinha, tão popular nos «copos» é o motivo favorito da olaria do Cícládico e do Minóico Primitivos e os semicírculos concêntricos (...) são característicos de alguns grupos do Minóico Primitivo”* (Savory, 1983/84, p. 26).

O estudo realizado em 1979, por M. Bubner, sobre a “cerâmica de importação”, relaciona, mais uma vez, a cerâmica canelada existente nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal, não só com recipientes egeo-cretenses, mas também com a *“channelled ware”* britânica, reconhecendo-lhes larga circulação europeia (Bubner, 1979, p. 32, 33), difundidas através da rota Egeu - Los Millares - Guadalquivir - Tejo e Sado, cuja amplitude cronológica preencheria a primeira metade do III milénio.

Naquele mesmo trabalho, Bubner apresenta, entre outros materiais, interessante píxide, do Furadouro de Rochaforte (Cadaval) (Bubner, 1979, p. 43), com pasta de excelente qualidade e decoração composta por linhas zigzagueantes, bem como púcaro, recolhido no Castelo Velho de Pragança (Cadaval) (Bubner, 1979, p. 44), idêntico a púcaros neolíticos provenientes de Knossos (Furness, 1953, Fig. 4.6).

De facto, torna-se inegável que os copos de decoração brunida de Vila Nova de São Pedro fazem lembrar as píxides cicládicas (Figs. 13 e 14).

Korfmann soube mostrar as ligações deste tipo de decoração com Oriente, em especial com o período Troia I, do Bronze Inicial, mas cuja tradição seria certamente (bastante) anterior àquela fase, percorrendo a zona egea oriental, Nordeste da Anatólia e da Turquia, onde predomina a cerâmica “(...) de cor castanha escura, castanha e castanha avermelhada, com tratamento e decoração brunidas (...)” (Korfmann, 1995, p. 349).

Tal relação é igualmente visível na decoração brunida composta por linhas ziguezagueantes, paralelas entre si, motivos espinhados, organizados na vertical ou na horizontal, triângulos entalhados, reticulados e motivos em V, sobre pixides, jarros e garrafas, datados da primeira metade do III milénio a.C. (Karantzali, 1996) (Fig. 15).

Aqueles são em tudo semelhantes aos copos de Vila Nova 00-04, 00-05, 09-01, 12-07, 48-02 ou 187-06, entre outros, bem como a exemplares recolhidos em diferentes povoados, como Zambujal (Kunst, 1996, Fig.14 f) ou em Vila Chã I (Bubner, 1979, est. VIII 2).



Fig. 13 Pormenor da decoração brunida do copo 00-05.

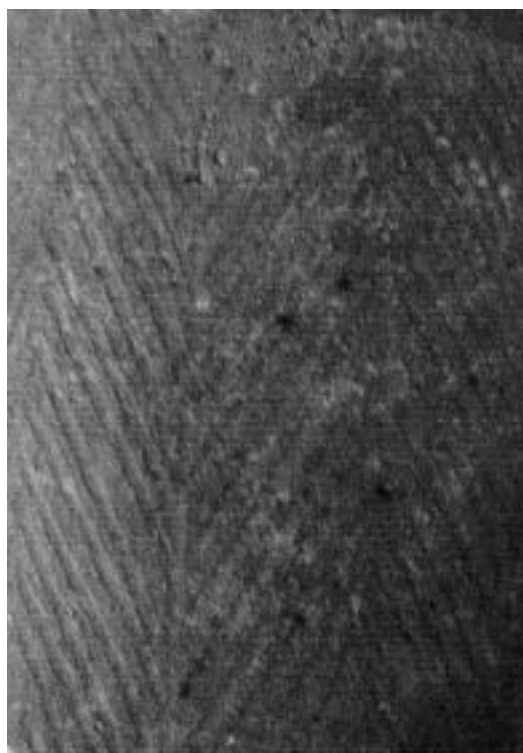


Fig. 14 Fragmento do Copo 187-06 e pormenor da sua decoração.

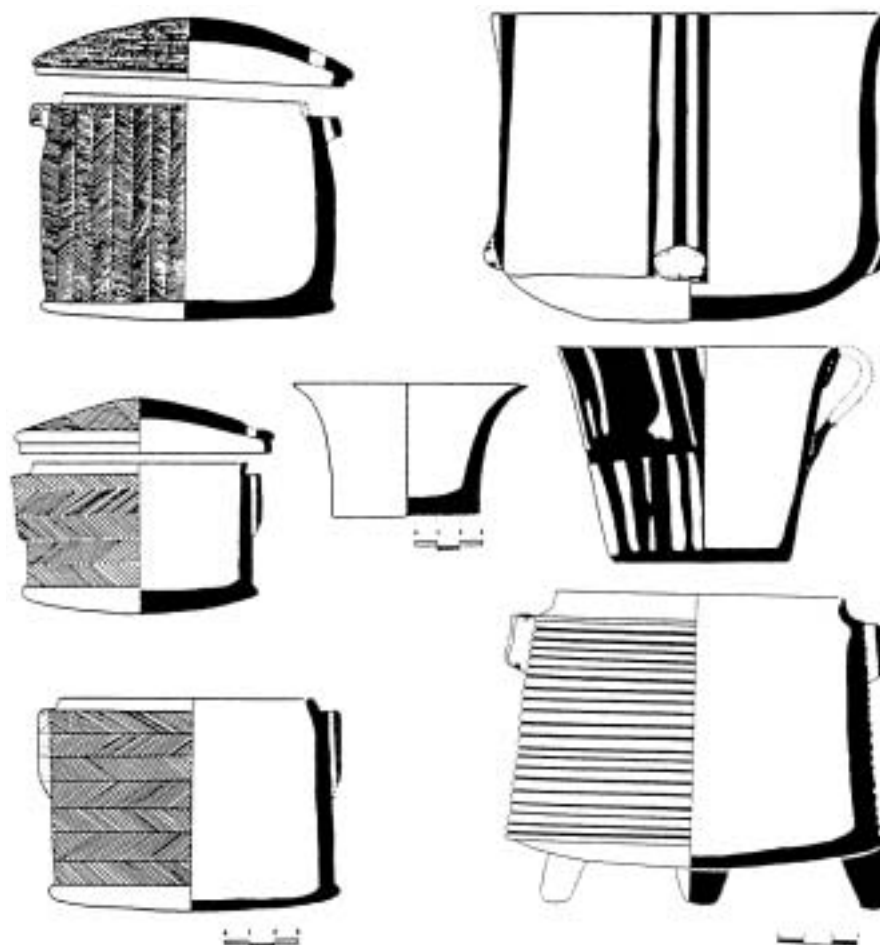


Fig. 15 Píxides e outros recipientes cerâmicos provenientes das Cíclades (seg. Karantzali, 1996).

Esses paralelos encontram-se sobretudo nas ilhas cicládicas de Naxos, Kouphonisia, Siphnos e Paros, sendo que as formas de píxides ou pequenos vasos troncocónicos, cilíndricos, algo convexos e de paredes introvertidas, com fundos convexos ou planos, também surgem com alguma frequência (Karantzali, 1996).

Situadas entre a Anatólia e a Grécia, as Ilhas Cíclades tornaram-se desde cedo no meio de transmissão cultural entre a Ásia e a Europa, cujas comunidades seriam marcadamente marítimas.

Conhecem-se, mesmo, réplicas de barcos cretenses, representados em diversos vasos cicládicos e que mostram que seria efectivamente possível navegar em todo o Mediterrâneo (Glötz, 1923, p. 219).

Segundo Vítor Gonçalves, a explicação para a presença dos copos em Vila Nova de São Pedro e noutros arqueossítios, pode fazer-se de três formas: os copos ou são uma importação do Mediterrâneo Oriental, ou são imitações locais de formas e decorações importadas ou tratam-se de uma invenção e produção local.

Sem acreditar na importação dos copos, pelo menos na sua totalidade, apesar da ausência de protótipos anteriores — embora fosse “(...) certo que uma forma antes de aparecer pela primeira vez... não existe (...)” — aquele autor inclina-se, sobretudo, para a segunda possibilidade, que explica a perda de qualidade de alguns copos e o seu aparecimento em alguns povoados menos prósperos (Gonçalves, 1989, p. 449).



Tendo em conta que nada surge por acaso, uma nova forma aliada a uma grande qualidade, bem como técnica e decoração inovadoras, não aparece de repente sem passar por uma progressiva evolução.

Assim, e perante a ausência de testemunhos que o contradigam, é mais fácil acreditar nas propostas que incluem ou uma importação do Mediterrâneo oriental ou uma imitação local de protótipos exógenos.

Mas, por outro lado, se, tal como acreditamos, as peças mais antigas são aquelas de melhor qualidade e decoração brunida, e ao longo do tempo foram perdendo esses atributos, é então difícil acreditar que apenas por imitação se possa atingir, de forma tão imediata, um estado de perfeição tão elevado.

Contudo, a ausência aparente de estações intermediárias que assinalem as rotas desses navegadores, ao longo de todo o Mediterrâneo, constitui, à primeira vista, argumento contrário a esses contactos. Por outro lado, a ausência de paralelos directos, não só para as teses difusionistas, como para as evolucionistas, tornam difíceis auferir conclusões sólidas, embora tenhamos esperança que, com os avanços da investigação arqueológica, aqueles possam um dia ser encontrados.

Certo é que a concepção evolucionista da cultura calcolítica criou grandes construções interpretativas sobre a transição do Neolítico para aquele período, coerentes entre si mesmas, tal como aconteceu com o modelo evolucionista, mas que tal como ele mostram-se carentes quanto a uma fundamentação arqueológica objectiva.

Apesar das falhas que as teses mais difusionistas, ou colonialistas, possam apresentar, na defesa de um “horizonte de importação”, que estaria na base do desenvolvimento social, económico, tecnológico e até cognitivo das comunidades calcolíticas, não podemos cair em opinião totalmente antagónica. Os testemunhos de contactos e trocas de ideias e materiais parecem-nos, cada vez mais, uma evidência, não só a curta e média distância, mas também entre regiões mais longínquas.

Conforme defendem C. Vaz Pinto e R. Parreira, “*existiam de algum modo relações comerciais com o Oriente, mas certamente através de intermediários, e não de forma directa*” (Pinto e Parreira, 1979, p. 143).

Presentes, pelo menos, desde o Neolítico, terá sido durante o Período Calcolítico que tais contactos se intensificaram, sendo que a concentração de materiais exógenos na Estremadura Portuguesa e a introdução de novos espaços habitacionais fortificados e sistemas arquitectónicos funerários, tecnologias inovadoras e novas concepções mágico-religiosas, devem evidenciar um superior controlo das rotas comerciais que então se percorriam.

As comunidades agro-metalúrgias do Oriente mediterrânico, podem mesmo ter desencadeado uma inovadora divisão social do trabalho, adopção de outras técnicas e consequente desenvolvimento das forças produtivas, provocando um aumento na necessidade de matérias-primas como o cobre, bem como a sua procura mais a ocidente.

O comércio marítimo cresceu e terá atingido a Península Ibérica, rica em jazidas daquele metal, difundindo-se assim uma nova cultura.

Assim se compreende a presença de cerâmicas anatólicas no povoado de Les Moreres (Creventente, Alicante), ainda que datadas já do Calcolítico Pleno, como acontece com vasos de carena média e baixa, de paredes troncocónicas altas ou baixas e fundos planos.

Os recipientes de “*cerâmica monocroma roja*”, recolhidos naquele povoado mostraram características tecnológicas totalmente diferentes das produções peninsulares (González Prats, Ruiz Segura, Gil Fuensanta e Seva Román, 1995, p. 133).



De excepcional qualidade, fabricados a molde, aqueles apresentam aspecto homogéneo, superfícies polidas de cores vermelho-alaranjado e pastas cinzenta claras. Alguns desses vasos apresentam ainda engobe de tom avermelhado. Através de análise cuidada (macroscópica, microscópica e Raios-X) da sua pasta e constituintes, aquelas peças mostram semelhanças inegáveis com outras de cor vermelha e superfícies polidas, oriundas da costa anatólica ocidental, ali datadas da Idade do Bronze Antigo (2600-2200 a.C.) (González Prats, Ruiz Segura, Gil Fuensanta e Seva Román, 1995, p. 133).

### 6.3 Cronologia e significado sociocultural

Através do corte realizado por Savory, a presença dos “copos canelados”, do povoado de Vila Nova de São Pedro, aparentemente anteriores à fase de construção do recinto amuralhado, antecede, claramente a cultura campaniforme. Ainda que abundantes na camada inferior daquele povoado, os copos parecem representar um período cronológico limitado, devendo ser, segundo Savory, de influência exógena mas de produção local, perante a falta de paralelos fora do estuário do Tejo (Savory, 1983-1984, p. 28).

A cronologia relativa à cerâmica com decoração canelada, e em especial dos copos, deve considerar e confrontar os diferentes dados que hoje possuímos.

No povoado da Rotura, os registos estratigráficos mostram aquela cerâmica recolhida em camadas anteriores à decorada por “folha de acácia”, tal com o acontece, por exemplo, no Penedo do Lexim, sendo anterior à taça tipo Palmela, no povoado do Pedrão.

O estudo da posição cronológica dos copos cilíndricos do povoado de Zambujal, em relação à dos vasos campaniformes, elaborado por Kunst, mostra interessantes conclusões.

Aqueles primeiros recipientes são sobretudo frequentes na pré-fase, 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> fases construtivas, que correspondem sobretudo à segunda metade do III milénio, mostrando-se claramente mais antigos do que a cerâmica campaniforme, a qual só surge em abundância a partir da 4.<sup>a</sup> fase, coexistindo ambas culturas, sobretudo, durante a 3.<sup>a</sup> fase (Kunst, 1996, p. 276).

Entre os copos e o vasos campaniformes — e coexistindo, em determinados momentos, com ambos — foram recolhidos diversos fragmentos com decoração tipo “folha de acácia”, confirmando a sequência estratigrafia proposta por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1976/77, p. 265).

As escavações do povoado de Leceia permitiram, por outro lado, confirmar a antiguidade dos copos, que coexistem por um breve período com a cerâmica decorada a “folha de acácia”, mas as formas cilíndricas, de paredes verticais e fundos quase planos, parecem persistir até ao Calcolítico Pleno (Cardoso, 1997, p. 82, 83).

Na ausência de outro tipo de análises e métodos de datação, os copos tornam-se artefactos de difícil precisão cronológica. Também a ausência de uma estratigrafia mais fina do povoado de Vila Nova de São Pedro não permite tecer considerações sobre uma possível evolução formal, técnica e/ou decorativa daqueles recipientes.

No entanto, é-nos possível observar que os copos agora analisados parecem seguir a sequência apresentada para o povoado de Leceia, onde os “copos canelados” se destacam pela sua antiguidade e, como referimos anteriormente, persistem por breve período com a cerâmica de decoração em “folha de acácia”, possivelmente devido a remeximentos, ao que sucede a cultura campaniforme.



**Fig. 16** “Copos” da anta EY de Montemor-o-Novo (seg. Bubner, 1979, p. 40), do Monte do Outeiro e do Hipogeu Casal do Pardo.

Por outro lado, alguns recipientes de paredes rectas e decoração em “folha de acácia” recolhidos em Vila Nova de São Pedro, podem, tal como já foi referido, pertencer a um período mais tardio, tal como acontece em Leceia.

Contudo, a presença, na estação da Parede, de copos canelados acompanhados por vasos denteados e perfis carenados do Neolítico Final, permite considerar um âmbito cronológico mais amplo, ou possíveis remeximentos das camadas arqueológicas (Paço, 1964, p. 9).

Também a existência desses recipientes, relacionados com a cultura megalítica, embora com decoração distinta, como, por exemplo, o copo da anta EY de Montemor-o-Novo, parecem indicar uma cronologia mais alargada e muito improváveis raízes autóctones (Fig. 16 A).

Não podemos esquecer ainda, que os vasos campaniformes são recipientes com formas semelhantes à dos copos, por vezes quase idênticas, como acontece com o exemplar do hipogeu do Casal do Pardo (Bubner, 1979, p. 38), e que poderiam desempenhar a mesma função, indicando uma continuidade formal, funcional e temporal, dos inícios do Calcolítico até ao seu final (Fig. 16 C).

A difusão dos “copos canelados” no espaço também se apresenta algo limitada, concentrando-se sobretudo nas penínsulas de Lisboa e Setúbal, em povoados e monumentos funerários. Trata-se de região que deveria ser amplamente povoada e economicamente próspera, durante o Calcolítico Inicial, usufruindo das riquezas naturais de dois importantes estuários do Ocidente Peninsular.

O seu uso seria, antes de mais, quotidiano, pela sua superior frequência e abundância nos povoados abertos e fortificados, e a sua utilização estaria necessariamente relacionada com a ingestão de líquidos.

O(s) seu(s) conteúdo(s) corresponderia, certamente, a substância de reconhecida importância, produzida localmente, como acontece actualmente, por exemplo, com o vinho, ou outros líquidos nobres como o leite.

A importância do leite, documentada em certas comunidades tribais subactuais, poder-se-á relacionar não só com as novas actividades económicas (domesticação de gado), mas também com a ideia de amamentação, ou seja, ligada aos ideais de renascimento ou rejuvenescimento e à nova concepção divina da deusa-mãe.

Os vários aspectos que singularizam cada um dos copos estudados, podem, também eles, estar relacionados com determinados significados socioculturais.

Assim, as diferentes dimensões dos copos, por exemplo, as quais abrangem recipientes cerâmicos de capacidades muito distintas, podem estar relacionadas com o seu uso individual ou colectivo.

Também os padrões decorativos, variados nos seus motivos, técnicas e organização, sobre a superfície externa, podem corresponder a conteúdos ou utilização dos mesmos por grupos ou famílias distintas, tal como acontece ainda hoje com os padrões decorativos dos panos de Timor ou da Escócia.

Paralelamente, a utilização quotidiana destes copos pode conjugar facetas relacionadas com as actividades mágico-religiosas.

Contendo leite, conotado com o culto da deusa-mãe, espécie de vinho, utilizado como psicotrópico, ou sangue de animais, para fins rituais, a verdade é que a sua presença fora dos povoados, como acontece em certos monumentos funerários, não pode ser ignorada.

A estatueta antropomórfica em mármore branco, originária das ilhas Cíclades e datada do Cícládico Antigo I, testemunha não só a presença daquelas formas cilíndricas de recipientes para beber, no Mediterrâneo oriental, como implica uma ligação com o sagrado, se interpretarmos aquela figura como uma divindade, com os rituais, se a interpretarmos como substitutos de sacrifícios humanos ou com o poder, caso seja a representação de um herói.

Tratando-se, na nossa opinião, da representação de uma divindade, aquela mostra atitude de quem oferece o precioso líquido como dádiva, durante possível cerimónia religiosa (Fig. 17).

A interpretação das estatuetas cicládicas, produzidas em mármore ou em barro, está longe de se encontrar clarificada (Doumas, 1982, p. 23-26). Certo é que a presença do copo naquela estatueta implica uma ligação com o mundo simbólico e cognitivo daquelas populações.

A sua relação com estas actividades encontram-se, contudo, melhor documentadas pelas decorações e que são muitas vezes constituídas por ziguezagues ou representações de oculados, quase sempre limitados a semicírculos concêntricos, sem esquecer os espinhados como acontece em cerâmica de Los Millares (Martín-Socas e Camalich Massieu, 1982).

O “copo” do Monte do Outeiro, por exemplo, mostra decoração simbólica, na tradição da cultura de Los Millares, composta por figuração antropomórfica oculada e com triângulo sexual marcado. Esta, apesar de poder tratar-se de exemplar mais tardio, não deixa de fazer corresponder uma clara função simbólica àquela forma (Fig. 16 B).

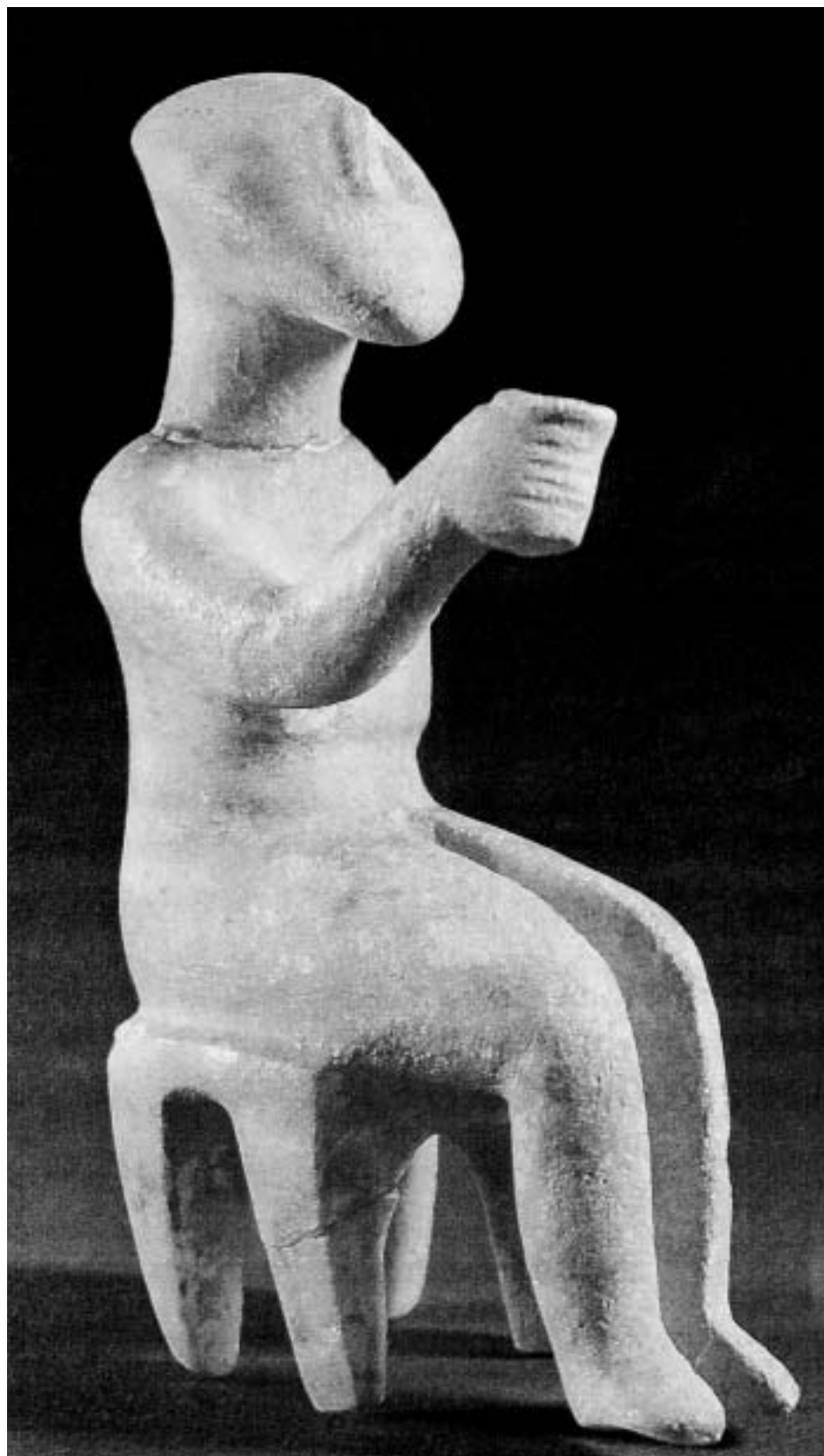


Fig. 17 Estatueta cicládica (seg. Doulmas, 1982, p. 111).

Outros recipientes de Los Millares mostram idêntica decoração simbólica, nomeadamente cerâmicas de paredes verticais e fundos achatados, que se podem assemelhar à forma de copo.

Na Península de Lisboa, nas grutas artificiais de Carenque 1 e 3, e na Península de Setúbal, nas grutas artificiais de Casal do Pardo, em Palmela, assim como no monumento da Praia das Maças foram recolhidos copos semelhantes aos de Vila Nova de São Pedro, que podem evidenciar um objecto relacionado com as actividades rituais, funerárias, ligadas ao sagrado, mesmo que certos autores não lhes reconheçam significado como “*bem de prestígio*” (Gonçalves, 1989, p. 449).

Para certos autores, “(...) *se mais que um eventual artefacto “de luxo”, eles tiveram uma função específica no conjunto polivalente das funções desempenhadas pela cerâmica, essa função foi curta e não correspondeu certamente a uma necessidade básica, ao contrário do que aconteceu com os pratos e, muito provavelmente, antes deles, com as taças carenadas (...)*” (Gonçalves, 1989, p. 449).

Contudo, parece, de facto, que tais funções não foram curtas, dada a possibilidade de substituição dos copos, lisos ou decorados, por recipientes que supomos serem seus sucessores, integrados nos materiais campaniformes. Mais uma vez, os testemunhos chegados até nós continuam a indicar tratar-se de cerâmicas que não teriam apenas uso corrente, servindo no consumo, talvez ritual, de bebidas com significado especial.

---

## NOTAS

- <sup>1</sup> Adaptação do trabalho de *Estágio Prático e Relatório Final*, do Curso de História, variante de Arqueologia, apresentado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M.; GONÇALVES, J. M. (1990) - A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja): balanço de meio século de investigações: 1.ª parte. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 25-48.
- ARNAUD, J. M.; GONÇALVES, J. M. (1995) - A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja): balanço de meio século de investigações: 2.ª parte. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 11-40.
- ARTHUR, M. C.; PAÇO, A. (1952) - Castro de Vila Nova de S. Pedro I: 15.ª campanha de escavações (1951). *Brotéria*. Lisboa. 54, p. 289-309.
- ARTHUR, M. C.; PAÇO, A. (1952a) - Castro de Vila Nova de S. Pedro II: Alguns objectos metálicos. *Zephyrus*. Salamanca. 3, p. 31-39.
- ARTHUR, M. C.; PAÇO, A. (1953) - *Castro de Vila Nova de S. Pedro III: Perfis de bordos de vasos não ornamentados*. sep. de O Instituto. Coimbra. 115.
- BALFET, H. (1966) - Terminologie de la céramique. In *La Préhistoire*. Paris: Nouvelle Clío, p. 272-278.
- BLANCE, B. (1957) - *Sobre o uso de torções nas muralhas de recintos fortificados do 3.º milénio a.C.* sep. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67.
- BLANCE, B. (1961) - Early Bronze Age colonists in Iberia. *Antiquity*. Cambridge. 35, p. 192-202.
- BUBNER, M. P. (1979) - Cerâmica de importação na Estremadura Portuguesa. *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 31-85.
- CAMALICH MASSIEU, M. D.; MARTIN SOCAS, D.; ARCO AGUILAR, M. C. (1984) - Aproximación al estudio de la cerámica neolítica e eneolítica de la provincia de Huelva. *Tabona*. Laguna. nova série. 5, p. 93-216.
- CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993: Escavações do Povoado Fortificado Pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. número especial.
- CARDOSO, J. L. (1997) - *O Povoado de Leceia (Oeiras): Sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 4.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J.; CARREIRA, J. R. (1996) - Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; SILVA, C. T. (1983-1984) - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras): 1.ª e 2.ª campanhas de escavação (1982 e 1983). *Clío Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 41-68.



- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L.; LOPES, F. P. (1996) - A estação pré-histórica de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 301-316.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1994) - Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico Final Estremano. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 69-78.
- CARRILERO MILLÁN, M.; SUÁREZ MÁRQUEZ, A. (1995) - Excavaciones arqueológicas en Ciavieja (El Ejido, Almería). In *Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*. Lisboa: IPPAR. p. 199-215 (Trabalhos de Arqueologia; 7).
- CHAPMAN, R. (1981) - Los Millares y la cronología relativa de la Edad del Cobre en el Sudeste de España. *Cuadernos de Prehistoria*. Granada. 6, p. 75-90.
- CHAPMAN, R. (1991) - *La Formación de las Sociedades Complejas*. Barcelona: Editorial Crítica.
- CHILDE, V. G. (1939) - *The Dawn of the European Civilization*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd.
- CHILDE, V. G. (1950) - Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 60, p. 5-16.
- DAVEAU, S. (1980) - Espaço e tempo: Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*. Lisboa. 2, p. 28-35.
- DOUMAS, C. (1982) - *Art des Cyclades. Marbres, Poterie et Métal du 3e. Millénaire av. J.-C.* Grécia: Europalia.
- FÉRNANDEZ MIRANDA, D. *et alli* (1986) - El poblado de Almizaraque, *Homenaje a Louis Siret*. CCJA. p. 167-177.
- FERREIRA, O. V.; SILVA, C. T. (1970) - *A Estratigrafia do Povoado Pré-histórico da Rotura (Setúbal)*. *Nota Preliminar*. sep. Actas das I Jornadas Arqueológicas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- FERREIRA, S. D. (2001) - *Os Copos no Povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro* (trabalho apresentado no âmbito do Estágio Prático e Relatório Final do Curso de História, variante de Arqueologia). Lisboa: UNL (texto policopiado).
- FURNESS, A. (1953) - The Neolithic Pottery of Knossos. *Annual British School at Athens*. 48, p. 94-134.
- GOMES, M. V. (1989) - Das origens à romanização. In *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, p. 9-17.
- GOMES, M. V. (1991) - Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almonsor*. Montemor-o-Novo. 9, p. 17-74.
- GOMES, M. V. (1994) - O sepulcro colectivo da Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro): Notícia da escavação de 1991. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 79-91.
- GONÇALVES, J. M. (1979) - *O Monumento Pré-Histórico da Praia das Maças: Arquitectura e Cerâmica Pré-Campaniforme*. sep. Boletim Cultural. Lisboa: Assembleia Distrital. 3.ª série. 85.
- GONÇALVES, J. M. (1991) - Cerâmica Calcolítica da Estremadura. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 215-226.
- GONÇALVES, J. M. (1993) - Ídolos de Cornos de Olelas e Serra das Éguas. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 2, p. 38-40.
- GONÇALVES, J. M. (1994) - Castro da Columbeira: uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho?. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 3, p. 5-7.
- GONÇALVES, J. M.; SERRÃO, E. C. (1978) - *O Povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo: Linda-a-Velha*. sep. Actas das III Jornadas Arqueológicas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1.
- GONÇALVES, V. (1971) - *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital.
- GONÇALVES, V. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma Aproximação Integrada*. Estudos e Memórias. Lisboa: INIC. 2.
- GONÇALVES, V. (1995) - Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas. In *História de Portugal* (dir. João Medina). 1. Ed. Clube Internacional do Livro. p. 183-243.
- GONZÁLEZ PRATS, A.; RUIZ SEGURA, E.; GIL FUENSANTA, J.; SEVA ROMÁN, R. (1995) - Cerâmicas anatólicas en el poblado Calcolítico de les Moreres (Crevillente, Alicante, España). In *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto. p. 131-137 (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 5).
- GIBSON, A.; WOODS, A. (1990) - *Prehistoric Pottery for the Archaeologist*. London: Leicester University Press.
- GLOTZ, G. (1923) - *La Civilisation Egeénne*. Paris: La Renaissance du Livre.
- HELENO, M. (1933) - Grutas artificiais de Tojal de Vila Chã (Carenque). In *Actas do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa. p. 5-25.
- HERNANDO GONZALO, A. (1987-88) - Interpretaciones culturales del Calcolítico del Sureste español: Estudio de sus bases teóricas. *Cuadernos de Prehistoria*. Granada. 12-13, p. 35-80.
- JALHAY, E. (1936) - A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme. *Brotéria*. Lisboa. 23:5, p. 320-331.
- JALHAY, E. (1943) - *O Castro Eneolítico de Vila Nova de São Pedro e as suas relações com o Norte Africano e o Mediterrâneo Oriental*. sep. Congresso Luso-Espanhol do Porto. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 8.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1939) - A Póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanha de escavações: 1937 e 1938. sep. *Brotéria*. Lisboa. 28.



- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1942) - A Póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanha de escavações: 1939 1940 e 1941. *Brotéria*. Lisboa. 34. p. 635-663.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1943) - A Póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Escavações de 1942. *Brotéria*. Lisboa. 37, p. 37-59.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1971) - El castro de Vilanova de San Pedro (1945). *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p.183-265.
- KARANTZALI, E. (1996) - *Le Bronze Ancien dans les Cyclades et en Crète*. BAR International Series. Oxford. 631.
- KORFMANN, M. (1995) - Cerâmica com decoração brunida da região de Tróia e a sua cronologia, assim como factores inovadores em relação a alguns outros fenómenos que provêm provavelmente das regiões a Leste do Mar Mediterrâneo. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*. Lisboa: IPPAR. p. 345-354. (Trabalhos de Arqueologia; 7)
- KUNST, M. (1995) - Cerâmica do Zambujal. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*, Lisboa: IPPAR. p. 21-29. (Trabalhos de Arqueologia; 7)
- KUNST, M. (1996) - As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6. p. 257-286.
- LAGO, M. [et al.] (1998) - Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1.
- LEISNER, G. (1945) - A Cultura Eneolítica do Sul de Espanha e suas relações com Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 8.<sup>a</sup> Série. 1. p. 11-28.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V. (1961) - Vasos eneolíticos decorados no interior. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71; 3-4. p. 409-428.
- LEISNER, V.; ZBYZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- LISBOA, I. G. (1995) - Trade and interaction in the Early Chalcolithic of Central Portugal. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*. Lisboa: IPPAR. p. 149-158 (Trabalhos de Arqueologia; 7).
- MARTÍNEZ NAVARRETE, M. I. (1987) - La secuencia clásica de los Millares. In *XVIII Congreso Nacional de Arqueología de Zaragoza*. Zaragoza, p. 215- 232.
- MARTÍN SOCAS, D.; CAMALICH MASSIEU, M. D. (1982) - La «cerámica simbólica» y su problemática (aproximación a través de los materiales de la colección L. Siret). *Cuadernos de Prehistoria*. Granada. 7, p. 267-306.
- MARTÍN SOCAS, D.; CAMALICH MASSIEU, M. D. (1986) - Las excavaciones en poblado de Campos. *Homenaje a Louis Siret*. CCJA, p. 178-191.
- OLIVEIRA, H. N.; FERREIRA, O. V. (1990) - Algumas obras de restauro e consolidação no Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 1. p. 49-58.
- PAÇO, A. (1941) - Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. In *Congresso do Mundo Português*. Porto. 1. p. 233-251.
- PAÇO, A. (1943) - Uma vasilha de barro de grandes dimensões do “castro” de Vila Nova de S. Pedro. In *Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências*. Porto. 4, p. 132-143.
- PAÇO, A. (1954) - Castro de Vila Nova de S. Pedro VI: Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14). *Arqueologia e História*. Lisboa. 8.<sup>a</sup> série. 5, p. 29-80.
- PAÇO, A. (1955a) - Castro de Vila Nova de S. Pedro VII: Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.
- PAÇO, A. (1955b) - *Necrópole de Alapraia*. sep. Anais. Lisboa: Academia Portuguesa de História. 2.<sup>a</sup> série. 6.
- PAÇO, A. (1957) - *Castro de Vila Nova de S. Pedro IX: Forno de Cozer Cerâmica*. sep. de Revista de Guimarães. Guimarães. 67.
- PAÇO, A. (1958) - Castro de Vila Nova de S. Pedro X: Campanha de escavações de 1956 (20<sup>a</sup>): Aditamentos das campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 - 16.<sup>a</sup>, 17.<sup>a</sup> e 18.<sup>a</sup>. *Anais*. Lisboa. 2.<sup>a</sup> série. 8. p. 41-91.
- PAÇO, A. (1959a) - *Castro de Vila Nova de S. Pedro XI: Nota sobre un Tipo de Cerámica del Estrato de Vila Nova I*. sep. de Ampurias. Barcelona. 21, p. 252-260.
- PAÇO, A. (1959b) - Escavações e problemas do Castro de Vila Nova de S. Pedro e da Citânia de Sanfins. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto da Alta Cultura. 1, p. 261-269.
- PAÇO, A. (1960) - Castro de Vila Nova de S. Pedro XII: Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 107-117.
- PAÇO, A. (1960-1961) - *Castro de Vila Nova de S. Pedro XIII: Recipientes de Osso e de Calcário*. sep. Conimbriga. Coimbra. 2-3.
- PAÇO, A. (1964) - Castro de Vila Nova de S. Pedro XIV: Vida económica XV: O problema campaniforme XVI: Metalurgia e análises espectrográficas. *Anais*. Lisboa. 2.<sup>a</sup> série. 14, p. 133-165.
- PAÇO, A.; SANGMEISTER, E. (1956) - Castro de Vila Nova de S. Pedro VIII: Campanha de escavações de 1955 (19<sup>a</sup>). *Arqueologia e História*. Lisboa. 8.<sup>a</sup> série. 7, p. 93-114.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1979) - Acerca do conceito de *colônia* no Calcolítico da Estremadura. In *Actas da I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto. p. 135-145 (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; 3).

- RAMOS MILLÁN, A. (1981) - Interpretaciones secuenciales y culturales de la Edad del Cobre en la zona meridional de la Península Ibérica: La alternativa del materialismo cultural. *Cuadernos de Prehistoria*. Granada. 6, p. 203-256.
- RENFREW, C. (1967) - Colonialism and Megalithism. *Antiquity*. Cambridge. 41, p. 276-288.
- RENFREW, C. (1969) - The autonomy of the South-East European Copper Age. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 35, p. 12-39.
- RENFREW, C. (1979) - *Problems in European Prehistory*. Edinburgh: University Press.
- RIQUET (1953) - Les styles céramiques Néo-énéolithiques des pays de l'Ouest. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 50:7-8, p. 407-421.
- SANGMEISTER, E. (1966) - Los vasos campaniformes portugueses en el marco de las culturas del vaso campaniforme europeo. *Arqueologia e História*. Lisboa. 1, p. 203-216.
- SANTA-OLALLA, M.; SÁEZ MARTÍN, B. (1947) - Orígenes anatolicoegeos y orientales del Bronce mediterráneo hispánico. In *Excavaciones en la Ciudad del Bronce Mediterráneo II de la Bastide Tatana (Murcia)*. Madrid: MEN, p. 121-158.
- SAVORY, H. N. (1969) - *Espanha e Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo. (História Mundi; 14)
- SAVORY, H. N. (1983-1984) - Um corte através da fortificação interior do castro calcolítico de Vila Nova de São Pedro (1959). Santarém. (trad. João Carlos de Senna-Martinez). *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 19-30.
- SCHUBART, H. (1967) - Las fortificaciones eneolíticas de Zambujal e Pedra do Ouro. In *X Congreso Nacional de Arqueología*. Mahón. p. 197-204.
- SCHUBART, H.; FERREIRA, O. V.; MONTEIRO, J. A. (1970) - *A fortificação eneolítica da Columbeira: Bombarral*. sep. O Arqueólogo Português. Lisboa. III série. 3. Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J. (1984) - Contribuições arqueométricas para um modelo sociocultural: padrões volumétricos na Idade de Bronze do Centro e Noroeste de Portugal. *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, p.169-188.
- SHEPARD, A. O. (1956) - *Ceramics for the Archaeologist*. Washington: Carnegie Institution.
- SILVA, C. T. (1990) - Influências orientalizantes no Calcolítico do Centro e Sul de Portugal: Notas para um debate. *Estudos Orientais: Presenças Orientalizantes em Portugal*. Lisboa: Instituto Oriental FCSH. 1, p. 45-52.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1975) - Ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1976-1977) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3, p. 179-267.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) - *Pré-história da Área de Sines: Trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SIRET, L. (1907) - *Orientaux et occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques*. sep. Revue des Questions Scientifiques. Bruxelles.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. In *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. p. 217-225. (Trabalhos de Arqueologia e Etnologia; 33, actas II)
- SOARES, A. M.; CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, p. 263-276.
- SOUSA, A. C. (1998) - *O Neolítico Final e o Calcolítico na Área da Ribeira de Cheleiros*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 11).
- SPINDLER, K.; TRINDADE, L. (1970) - A póvoa eneolítica do Penedo: Torres Vedras. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 57-167.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia; 9).